



Relatório Final

Manuela José Pinela da Rocha

Relatório Final apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

Orientado por
Professora Adjunta Maria Helena Pires César Canotilho

Bragança
2010



Relatório Final

Manuela José Pinela da Rocha

Relatório Final apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

Orientado por
Professora Adjunta Maria Helena Pires César Canotilho

O presente relatório, cujo tema é subordinado à arte-terapia pretende proporcionar, dados, instrumentos de análise, incitação reflexiva e crítica capaz de trazer apoio a uma prática profissional que se pretende cada vez mais completa.

Bragança
2010

“A alegria do caminho, mesmo mais do que a chegada
é a força motivadora do trabalho do artista.
Será diferente o trabalho em educação?”

AGRADECIMENTO

Expresso o meu agradecimento a todos quantos viabilizaram e apoiaram a realização deste trabalho. Em particular:

- À Orientadora do Relatório Final Professora Adjunta Maria Helena Pires César Canotilho, pela orientação esclarecida e sempre pronta na concretização do trabalho de investigação e na revisão do manuscrito;

- Ao Professor Doutor Luís Manuel Leitão Canotilho, pelo estímulo e constante disponibilidade que demonstrou.

RESUMO

O potencial das artes como veículo de expressão pessoal, tem desde sempre suscitado interesse.

Surgem por isso, apelos à utilização da arte-terapia, como forma de facilitar o equilíbrio interior, permitindo a cada um adoptar uma nova forma de ser e agir.

A terapia pela arte é um processo terapêutico que utiliza técnicas de expressão e criação artística com a finalidade de ajudar a aliviar o sofrimento e a recuperar o indivíduo. Sem exigências técnicas ou estéticas, potencia a comunicação, a expressão e o processo criativo.

A arte-terapia constitui uma problemática actual e pertinente e poderá ser uma mais-valia nos estabelecimentos de ensino, no combate à inadaptação ao meio, aos comportamentos desviantes, ao insucesso e abandono escolar.

Motivados por esta temática tentámos conhecer as percepções que os docentes têm relativamente à arte-terapia.

A investigação realizada procura perceber o grau de conhecimento sobre a arte-terapia e a importância atribuída a esta área pelos docentes do Ensino Básico do Agrupamento de Escolas de Vimioso e verificar até que ponto as variáveis independentes os influenciam.

É uma investigação organizada em torno de hipóteses de trabalho que derivam dos objectivos da investigação. Os dados resultam de um processo de recolha de informação por questionário passado a uma amostra da população.

O nosso estudo levou-nos a concluir que os docentes do Ensino Básico inquiridos conhecem bem o vocábulo e o conceito da arte-terapia, consideram vantajosa a implementação de um espaço terapêutico no contexto escolar e têm um maior conhecimento de projectos de arte-terapia fora do contexto escolar do que nos estabelecimentos de ensino portugueses.

O projecto apresentado versa esta abordagem terapêutica da arte, através da aplicação pedagógica, em contexto escolar, dos conhecimentos adquiridos no âmbito da investigação realizada.

ABSTRACT

The potential of the arts as a vehicle for personal expression has always aroused interest.

Therefore arise there have been demands for the use of art therapy as a way to facilitate the inner balance, allowing each person to adopt a new way of being and acting.

The therapy by arts is a therapeutic process that uses the techniques of expression and artistic creation in order to help to soften suffering and restore the individual without technical or aesthetic requirements, powers communication, expression and a creative process.

Art therapy is a current and relevant issue and can be an asset in schools in dealing with the problems of adapting to school environment, deviant behavior, academic failure and school dropout.

Motivated by this issue, we tried to understand the perceptions that teachers have in regards to art therapy. The research seeks to understand the degree of knowledge regarding arte therapy and the importance given to this area by members of Basic Education Cluster of Schools in Vimioso and to verify the extent to which independent variables influence them.

It is organized around an investigation of working hypotheses that are derived from the research objectives. The data was obtained from collecting information through the questionnaires given to a sample of the population.

Our study led us to conclude that teachers of basic education are well aware with the terms and concept of art therapy, consider the implementation of a therapeutic space in the school context as advantageous and have as advantageous and have a greater knowledge of art therapy projects outside of school settings than in the schools in Portugal.

The presented draft explains this therapeutic approach to art through a pedagogical application of the knowledge acquired in the investigation in the school context.

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS USADOS

Abreviatura	Significado
p.	Página
pp.	Páginas
n.º.	Número
ex.	Exemplo
op. cit.	Obra citada anteriormente
s.d.	Sem data
Q.E	Quadro de Escola
Q.Z.P.	Quadro de Zona Pedagógica
l	Litro
ml	Mililitros
gr	Gramas
PC	Computador portátil

Tabela 1 - ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS USADOS

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

Figura 1	17
Figura 2	19
Figura 3	20
Figura 4	22
Figura 5	24
Figura 6	25
Figura 7	26
Figura 8	47
Figura 9	48

TABELAS

Tabela 1 – Abreviaturas, siglas e símbolos usados	7
Tabela 2 - Caracterização da amostra segundo as variáveis independentes	35
Tabela 3 - Comparação dos resultados dos inquiridos em função da idade.....	37
Tabela 4 - Comparação dos resultados obtidos em relação à idade	38
Tabela 5 - Comparação através do t – teste, dos resultados dos inquiridos em função do género	39
Tabela 6 - Comparação através do t – teste, dos resultados dos inquiridos em função das habilitações académicas	40
Tabela 7 - Comparação através do t – teste, dos resultados dos inquiridos em função da situação profissional.....	41
Tabela 8 – Comparação através do t – teste, dos resultados dos inquiridos em função do tempo de serviço	42
Tabela 9 – Material: designação/ características; quantidade; preço unitário	53

ÍNDICE

1. Introdução.....	12
2. Revisão da Literatura.....	14
2.1. A Arte-Terapia	14
2.1.1. Enquadramento Histórico.....	14
2.1.2. Conceito.....	16
2.1.3. Finalidades.....	16
2.1.4. Características	18
2.1.5. Bases Teóricas.....	22
2.1.6. Procedimentos	23
2.1.7. Técnicas, Materiais e Regras de Segurança.....	25
2.1.8. A Escola e a Arte-Terapia	28
2.2. Investigação Empírica.....	29
2.2.1. Enquadramento do Estudo.....	29
2.2.2. Metodologia.....	30
2.2.3. Tipo de Investigação	30
2.2.4. Construção de hipóteses	32
2.2.5. Definição de variáveis	33
3. Método.....	34
3.1. Amostra	34
3.2. Procedimento da recolha de dados	36
4. Resultados.....	36
4.1.1. Análise em função da idade	37
4.1.2. Análise em função do género.....	39
4.1.3. Análise em função das habilitações literárias.....	40
4.1.4. Análise em função da situação profissional.....	41
4.1.5. Análise em função do tempo de serviço.....	42
5. Discussão	42
6. Projecto.....	46
6.1. Intencionalidade.....	46
6.2. Área de Intervenção.....	47

6.3. Identificação.....	49
6.4. Finalidade e Objectivos.....	49
6.5. Acções a desenvolver.....	50
6.6. Recursos.....	51
6.7. Avaliação	53
7. Conclusão.....	54
8. Referências Bibliográficas	55
Apêndices	59

1 INTRODUÇÃO

O relatório final que apresentamos incide sobre a importância da arte-terapia e a sua aplicação no contexto escolar. A compreensão deste tema, nas suas potencialidades e nos seus pontos críticos, ficará incompleta se privada das aproximações clarificadoras e complementares. Por isso deixamos aqui uma representação do nosso ponto de vista a qual ajudará a perspectivar melhor a análise crítica que é a razão de ser deste trabalho.

Quer-se uma análise e reflexão aprofundadas, capazes de ultrapassar as armadilhas do senso comum, das rotinas profissionais e de construir os consensos necessários.

O trabalho faz apelo a concepções teóricas e considerações teórico-práticas, revela os fundamentos de natureza teórica e pragmática da arte-terapia e tenta obedecer a uma lógica global que o estrutura. Assume-se, assim, que a análise e reflexão em torno dos problemas educativos devem fazer-se tendo em conta as concepções teóricas, por um lado, e as condições da realidade da prática educativa quotidiana, por outro. Naturalmente, tais concepções, tais considerações e tais fundamentos devem ser criticamente interrogados e conduzir a uma lógica.

Só se assim for, terá este trabalho cumprido cabalmente o seu papel: contribuir para um conhecimento aprofundado do que é a arte – terapia e fazer entender a importância que a arte-terapia tem ou deve ter em contexto escolar.

O presente relatório pretende constituir um estímulo à reflexão individual e colectiva que não é comum sobre este tipo de temas.

A escola, que convive com o insucesso de largas camadas da sua população, precisa, de se repensar e reinventar. Sendo o sítio eleito da aprendizagem, é imprescindível que nela, se reflecta sobre as condicionantes e o seu papel no desenvolvimento integral da pessoa. Só assim será possível uma intervenção que, admitindo as diferenças, ofereça verdadeiramente, uma igualdade de oportunidades a todos.

Presentemente, a instituição escolar vê-se rodeada por pressões e exigências que dificultam a sua importante função educadora. Ao longo destes últimos anos, estas pressões aumentaram em relação à classe docente, que assistiu ao acréscimo e à diversificação das exigências da sociedade em relação ao exercício da sua profissão.

De facto, tanto a escola como o papel do professor têm sido questionados devido à enorme quantidade de mudanças que a nossa sociedade vem sendo alvo. Uma maior consideração e uma maior valorização da actividade docente e a inovação na vida e na cultura das escolas mostram-se como os dois caminhos exequíveis para resolver a situação vivida hoje pela escola.

A educação passa inevitavelmente pela renovação das culturas escolares e pela aceitação de uma nova concepção de educação. A inovação e a mudança são o sustentáculo das escolas que pretendam adaptar-se às necessidades actuais.

Ao reflectirmos sobre a educação há a necessidade de nos questionarmos sobre os desafios que começam a surgir na sociedade actual como o papel central do educando, os novos papéis do educador, a actualização da sua formação ao longo da carreira.

O conhecimento da realidade escolar, de há muito nos sensibilizara para os problemas que acontecem no seu meio, nos incitara a procurar razões explicativas para a mesma e nos determinara a actuar no sentido de os ultrapassar.

Este trabalho situa-se na linha das preocupações acabadas de expor e pretende ser um modesto contributo para aprofundar o conhecimento neste domínio e para melhor fundamentar uma intervenção eficaz, no campo da arte-terapia.

É amplamente sabido que a estabilidade emocional é condicionante essencial de toda a aprendizagem futura. Daí, a mais que justificada relevância que deve ser atribuída ao desenvolvimento de projectos alternativos, ligados a terapias que possam ajudar a resolver alguns dos problemas existentes nas nossas escolas.

Os alunos com dificuldades, correm o risco de se tornarem elementos acrescentados à já longa lista dos adultos inadaptados. Parece isto ser razão mais do que suficiente para se fazerem projectos desta natureza, de modo a definir estratégias de acção.

O nosso estudo consta de vários pontos diferentes, mas complementares. O primeiro ponto é composto por duas partes. Uma consagrada à revisão da literatura neste domínio, sendo, por isso, de natureza mais teórica e justificativa, salientando as tendências mais recentes neste domínio e indicando instrumentos adequados. Revendo estudos da especialidade, procurando delimitar o âmbito da noção de Arte-Terapia depois de a enquadrar no contexto, esforça-se por defini-la e distingui-la. Outra expõe o trabalho empírico, levado a efeito na escola seleccionada, a metodologia, tipo de investigação, construção de hipóteses, definição de variáveis.

Os quatro pontos que se seguem esclarecem e descrevem o método escolhido; a natureza da amostra e procedimento da recolha de dados; apresenta os resultados obtidos em função da idade, género, habilitações literárias, situação profissional e tempo de serviço e por último interpreta e discute os resultados anteriormente apresentados, faz referência às suas implicações.

O último dos pontos ocupa-se da descrição do projecto de arte-terapia em contexto escolar, indicando a sua identificação, finalidade e objectivos, acções a desenvolver, recursos humanos e materiais adequados para a sua execução e o modelo de avaliação.

Por fim, teceremos algumas considerações finais, ainda que de modo muito simples, resultantes do trabalho gerado em torno desta temática. Estamos, porém, convictos da necessidade de aprofundá-lo, em ordem a esclarecer ulteriores elementos desta problemática que não foi possível abordar neste estudo.

Tem se verificado uma mudança ao nível dos valores sociais, prevalecendo os valores economicistas, a competitividade, o individualismo e perdendo-se os valores humanistas, como a tolerância, a cooperação e a solidariedade. A escola é uma amostra da sociedade envolvente e traduz situações de indisciplina escolar e a falta de formação cívica dos educandos.

A escola não pode ficar indiferente às mudanças e terá forçosamente de adoptar novas estratégias, para que possa dar resposta à especificidade dos seus agentes. Deste modo, é importante operarem-se algumas alterações para fazer face a alguns problemas, como a escolaridade obrigatória mais longa e heterogénea, a massificação do ensino, a heterogeneidade étnica, cultural e linguística, problemas comportamentais, ...

A escola “perde” demasiado tempo e imaginação na elaboração de projectos obrigatórios esquecendo o ponto fulcral, a formação dos alunos, como consequência produz indivíduos desadaptados para a vida, reflectindo-se posteriormente na sociedade em mudança.

Ela é um espaço de aprendizagem e convivência social que deve dar, a quem a ela acede, não só um espaço físico e um espaço organizacional, mas também, e principalmente, um espaço relacional, de convivência, cooperação e de resolução de conflitos.

Conhecer, compreender a realidade e arranjar soluções para os problemas da escola é um dos objectivos que se apresentam ao longo da escolarização de todas as crianças.

Tudo deverá ser feito, para que o aluno aprofunde o seu autoconhecimento e tome, mais tarde, por opção própria, a escolha certa para uma interligação harmoniosa consigo próprio e com os outros.

A arte-terapia é um espaço privilegiado que contribui, de forma significativa, para a formação/preparação integral dos alunos, processando-se a sua integração de uma forma mais natural e segura.

Esta área fornece às crianças uma série de ferramentas que lhes permite suportar situações controversas com que se deparam no quotidiano.

O nosso projecto versa esta abordagem terapêutica da arte, que promove um melhor entendimento do que somos, quem somos e de como podemos melhorar a nossa forma de estar na vida, no intuito de levar à escola esta nova forma de estar que irá promover uma nova postura pedagógica.

O projecto poderá ser um bom contributo para melhorar a escola, se não se perder/subverter a filosofia que lhe está inerente, trabalhando-se principalmente para o desenvolvimento das competências dos alunos.

A escola tem que se afirmar como um espaço atractivo e com sentido para os alunos.

As escolas pioneiras não devem ter medo da inovação, de experimentar coisas novas e ter uma identidade própria, construindo uma escola activa, diferente!

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A ARTE-TERAPIA

2.1.1 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

O homem expressa-se “artisticamente”, desde o início dos tempos, uma vez que sempre sentiu necessidade de manifestar a sua expressão e criatividade. Esta manifestação traduziu-se nas obras de arte que determinam o trajecto da sua evolução cultural.

A arte como processo terapêutico é recente e surge com o intuito de atenuar o sofrimento do indivíduo.

A relação entre arte e terapia tem suscitado interesse, e são muitos os precursores que se interessaram pelo tema, mas foi no século XIX que se desenvolveram estudos de natureza científica nesta área.

Como refere **Sousa (2005)**, o termo terapia pela arte terá aparecido pela primeira vez numa obra do pintor inglês, Adrian Hill: *Art vs Illness (Arte versus Doença)*, em 1945. Este devido a uma doença contagiosa esteve internado durante bastante tempo e passava os dias a pintar. Os médicos notaram no artista uma recuperação muito mais rápida que a normal e depois da sua recuperação, convidaram-no para pintar em conjunto com outros doentes.

Uma série de “Terapias pela Arte” aparece nos fins do século XX com base nas teorias de Jung e cedo se começam a afirmar pela sua eficácia em relação a crianças.

Segundo **Sousa (2005)**, surge a Dançaterapia: Witehouse (1958, 1975, 1980), Schoop (1974, 1980); a Musicoterapia: Benezon (1977), J. Alvin (1983); a Dramaterapia: Jennings, B. Way, P. Slade, Courtney, L. Valente e a Terapia pelas Artes Plásticas: Naumburg (1947, 1958, 1966), Champernowne (1963, 1971), Kramer (1958), Greenwood e Layton (1987), Lewis (1990) e Lieberman (1990).

Um dos precursores da arte-terapia foi Jung que se interessou pelas pinturas e desenhos dos que frequentavam o ateliê, especialmente pelas suas características criativas expressas. Entendeu-os como expressivos e idênticos aos sonhos, portanto uma entrada para a vida inconsciente, um material para análise através da interpretação apropriada das imagens.

Para **Jung (1963)** a arte afigurava-se como uma nova relação entre o mundo subjectivo e o mundo real externo, e a criatividade fazia a junção dos dois. Mobilizava propositadamente a criatividade do paciente através da sua técnica de “imaginação activa” para as metodologias actualmente utilizadas em arte – terapia. Jung emprega o desenho e a pintura para que os seus pacientes expressem as suas fantasias.

“O que o terapeuta faz é menos uma questão de tratamento e mais um desenvolvimento das possibilidades criativas latentes no próprio paciente.” (**Jung, 1963**).

De acordo com **Sousa (2005)**, a utilização das técnicas das artes plásticas como terapia em si iniciou-se com um trabalho de Rudolf Steiner e Ita Wegmann, feito no primeiro quartel do século passado, aconselhando a pintura como complemento do tratamento médico.

Sousa (2005) refere também Margarethe Hauschka, médica em Gunterstal (Alemanha) que construiu as bases teóricas e práticas da terapia artística. Interessada no elemento terapêutico da arte, pensou em facultar aos doentes a oportunidade de criarem trabalhos artísticos. Assim, usando a pintura e a cerâmica obteve resultados apreciáveis. Trabalha em 1927 na Alemanha, nos anos seguintes em Lugano, Suíça, em 1940 foi para a Austrália onde esteve 22 anos, continuando com os seus trabalhos terapêuticos e leccionando cursos de arte – terapia em vários países. Funda a primeira escola de terapia artística, em 1962 em Bad Boll, na Alemanha.

A este propósito, o mesmo autor (*op. cit.*) refere que médicos e artistas, durante a segunda Guerra Mundial, usaram a pintura em instituições de saúde, como forma de ocupação criativa, para pacientes com traumas de várias ordens. O uso da pintura por estes pacientes permitiu a alguns médicos notarem que a pintura contribuía activamente para os progressos de saúde mental dos pacientes.

Em Portugal vários profissionais de saúde criam um grupo de trabalho, em 1994, que principia os estudos sobre Arte – Terapia.

A Sociedade Portuguesa de Arte – Terapia foi fundada em 1996 por um grupo constituído por João de Azevedo e Silva, Helena Correia e Rui de Carvalho, formados em Arte – Terapia pelo Institute for Arts in Therapy and Education, em Londres. Esta organização promove congressos, seminários e cursos de formação de arte-terapeutas ao mesmo tempo que tem uma intervenção terapêutica.

2.1.2 CONCEITO

Sousa (2005) define a noção de arte-terapia de forma ampla como:

“A arte-terapia é um tratamento psicoterapêutico que usa como mediação a expressão – criação artística: expressão musical (musicoterapia), expressão dramática (dramaterapia), expressão dançada (dançaterapia) e expressão plástica. A palavra “plástica” refere-se à propriedade física de dados materiais que lhes permite manter uma forma que lhe é dada. Aquela palavra é, porém, aplicada noutras situações, denominando diversos materiais, pelo que se adoptou pela designação de “Arte-Terapia”, embora esta designação também possa ser entendida como englobando todas as outras “arte-terapias” (musicoterapia, dramaterapia, dançaterapia). O mesmo sucede com a palavra “Arte”, que inclui todas as artes (música, teatro, dança, ...) sendo, porém, cada uma destas uma “Arte”.” (p.253)

Todavia o que interessa não é a designação que se lhe atribui ao processo, mas encontrar os melhores métodos e técnicas de intervenção terapêutica de forma a proporcionar o alívio do sofrimento do indivíduo.

A Expressão Plástica, ou seja, a pintura, o desenho, as colagens, a gravura, a modelação, ..., são uma via terapêutica para a arte-terapia.

Na mesma linha de pensamento **Feder (1981)** destaca a Arte-Terapia como uma terapia activa, que usa metodologias activas – catártico - criativas e pretende atenuar o sofrimento do indivíduo.

Citando **Sousa (2005)**:

“A terapia tem um propósito de intervenção que tem um triplo objectivo: ajudar a tratar, recuperar, restaurar, reorganizar, compensar as incapacidades; desenvolver, melhorar, reforçar, potencializar as capacidades que se mantiveram; satisfazer necessidades relacionadas com o alívio do sofrimento.” (p. 8)

2.1.3 FINALIDADES

Paín (2009) afirma que a arte-terapia através de actividades expressivas - criativas propicia uma série de benefícios para aquele que dela usufrui: permite encontrar satisfação no acto de criar em si através de um caminho de liberdade e de espontaneidade, superando preconceitos bloqueadores;

proporciona o conhecimento de vários meios de expressão e de comunicação para além dos verbais, efectuando várias experimentações (e explorar-se a si próprio) sem quaisquer pressões; permite através de actividades criativas estabelecer uma relação transferencial entre o sujeito e terapeuta sobretudo quando o assunto a expressar é incómodo; constitui um processo de catarse, de auto-exploração e de auto-realização, expressando o sujeito pensamentos, ideias e comportamentos, pulsões, emoções e sentimentos; ajuda o sujeito a expressar e tomar consciência dos seus sentimentos, o que lhe permite começar a aclarar e a organizar possíveis confusões; oferece caminhos razoáveis para descarregar emoções difíceis de controlar e intoleráveis, como a agressividade; constitui uma forma de preparação para trabalhar com situações reais que sejam difíceis, através de situações fictícias que permitem uma aquisição experiencial muito próxima da realidade.



Figura 1- ACTIVIDADES EXPRESSIVAS-CRIATIVAS

A este propósito diz a mesma autora que as actividades expressivas – criativas [Figura 1] devem ser agradáveis e alegres, recorrendo-se em algumas situações ao humor, permitindo uma maior desinibição daquele que frequenta o ateliê e um maior acordo inconsciente com os processos expressivos da terapia. Estas actividades pedem uma participação activa, o que auxilia na mobilização de indivíduos apáticos e introvertidos.

Também **Sara Paín** (*op.cit.*) refere que esta forma de terapia engloba situações sócio - relacionais, de desordem emocional, de deficiências intelectuais, problemas da personalidade, de regulação emocional, representação do corpo, de ordem psíquica, problemas de lateralidade, da organização espaço – temporal, de grafo motricidade, entre outras, sendo muitas vezes a única em determinados períodos da vida.

Kramer, E. (1985), defende que a arte-terapia pode ser direccionada para a infância inadaptada, ou seja, aquela em que as atitudes são inconciliáveis com uma vida em sociedade (reeducação de delinquentes). Possibilita nas crianças ultrapassar dificuldades em se expressar verbalmente, facilitando a satisfação da expressão utilizando técnicas/ materiais simples e acessíveis. A sua metodologia evolui no sentido da relaxação psíquica e pode ser efectuada individualmente ou em pequenos grupos.

O propósito é restabelecer o equilíbrio da personalidade, a redescoberta de si, o recuperar da auto-consciência.

Na opinião de **Jacobson (1974, citado por Sousa, 2005)**:

“...para o tratamento dos estados emocionais crónicos e das tensões nervosas. Tenho razões para quer que uma aplicação prudente destes princípios nas clínicas e nas escolas pode diminuir o desgaste do organismo humano e aumentar a eficácia humana.” (p.41)

Nas situações educacionais com crianças **Kramer, (1985)** sugere este princípio:

“Nem o excesso de liberdade, nem o excesso de estruturação são adequados para a situação terapêutica, uma vez que a actividade, o jogo só por si não produzem integração sensorial e perceptiva, nem uma estrutura demasiado rígida permite a manifestação do potencial de aprendizagem.” (p.)

Na arte-terapia “...o objectivo reside na evolução, no processo que se vai dar a seguir, conquista por conquista” **Lieberman (1990, citado por Sousa, 2005)**.

Para a **Sociedade Portuguesa De Arte-Terapia, (2001, citado por Sousa, 2005)** a arte-terapia:

“... tem um valor particularmente consolidado no tratamento de crianças, perturbações de stress pós-traumático, entre outros ... Também os locais de aplicação se têm diversificado. Actualmente os diferentes modelos permitem uma utilização em centros de saúde, ateliês, escolas, comunidades terapêuticas, ...” (p.254)

2.1.4 CARACTERÍSTICAS

Na arte-terapia utilizam-se meios de auto-expressão e de auto-exploração (pintura, um desenho, ...) que facilitam uma explicação mais assertiva dos sentimentos, em detrimento das palavras. A comunicação é basicamente pré-verbal ou não-verbal, como forma de colmatar problemas de comunicação verbal.

Allen, Pat B. (1997) está ciente que o processo de criação permite que o indivíduo se torne mais ciente dos seus sentimentos e clarifique quando há desorientação ou distúrbio. Ajuda-o a satisfazer as suas emoções, garantindo um rumo admissível e salutar para lidar com as diversas emoções.

Servindo-se dos materiais artísticos, o acto criativo garante uma área de liberdade onde se pode encontrar e explorar a si próprio, sem influências e tensões.

Tal como refere **Lieberman (1990, citado por Sousa, 2005)**, a arte-terapia desenvolve a capacidade de abandonar falsos pressupostos e permite a transmissão de assuntos incómodos, difíceis de expor verbalmente ou compreendidos como negativos. Exploram-se sentimentos, emoções, pensamentos e atitudes e permite explorar fantasias, sem a intromissão da realidade. Pode ser feita uma observação regressiva dos trabalhos

concretizados, levando a descobertas sobre significantes pessoais valiosos e possibilitando constatar uma evolução. Estimula, pois, a reflexão sobre a realização dos trabalhos, permitindo a análise de aspectos importantes.

A terapia requer, a colaboração voluntária do indivíduo, a sua vontade de melhorar e a capacidade intelectual de se poder integrar nas situações imagético – criativas que lhe são propostas. Pode ser em grupo [Figura 2] e é uma magnífica forma de provocar a participação e a colaboração.



Figura 2- ACTIVIDADES CRIATIVAS EM GRUPO

Na opinião de **Lieberman (1990, citado por Sousa, 2005)**, ambiente tem de ser agradável, alegre, proporcionar bem-estar e prazer, activo, muito permissivo, com vasta liberdade para a espontaneidade, estimulando-se a expressão, a imaginação, a originalidade e a criatividade, onde as regras se limita à manutenção da segurança. Procura-se incentivar o comportamento criativo em si, o seu significado e a satisfação de necessidades por satisfazer ou de conflitos não resolvidos. Importa que ele se expresse, que atenua as suas sobrecargas psíquicas através da catarse e procure o reequilíbrio da personalidade através de actividades criativas que representam a sua própria auto-reconstrução.

Aristóteles (s.d., citado por Sousa, 2005) denominou a expressão com *katharsis* (catarse, saída, purga, alívio, purificação) e associou-a às exteriorizações psíquicas que uma acção fictícia desenvolvida num palco do teatro grego provocava na audiência.

Sousa (2005) refere R. Lafon, no seu *Vocabulaire de Psychopédagogie* (1969), que define “Expressão” como: “o que manifesta estritamente o sentimento, a paixão, o pensamento”; Buytendijk, (1934), para o qual “Expressão” poderá mesmo significar a própria vida, dado que toda a acção humana pode ser considerada com expressiva; H. Read (1958) que refere dois tipos de expressão: instintual (“instintivo – assegurar a satisfação de algum apetite”) e emocional “exteriorizando uma emoção mais generalizada como o prazer, a ansiedade ou a raiva”.

Freud (1915, citado por Sousa, 2005) defende que é a energia situada no inconsciente que causa a expressão. Não conseguindo ultrapassar os bloqueios, há um retorno das energias, o seu subsequente aumento (repressões) e a sua saída pode dar-se por meios mais adequados (compreensão, sublimação) ou inadequados (aberrações, perversões, descompensações). Bloqueios, frustrações, conflitos e tudo o que possa criar impedimentos à normal expressão - catarse destas

energias podem causar problemas na saúde mental. Assim, uma expressão adequada é condição para uma vida saudável.

A grande parte das correntes psicológicas aceita e encara esta energia psicológica interna, como propulsora do funcionamento do aparelho psíquico.

Em “*A educação pela arte*” **Read (1982)**, coloca a expressão como o principal objectivo imediato, uma vez que esta é um modo individual de escape das tensões acumuladas que são prejudiciais para o equilíbrio da personalidade. A expressão é uma manifestação de sentimentos, por isso é inútil tentar compreendê-la através da razão.

Também **J. Piaget (1961)**, citado por **Sousa, 2005** se refere à expressão como uma força psicológica interna, inconsciente, que origina a energia essencial ao funcionamento da cognição:

“Expressão será a exteriorização da personalidade. Efectua-se através do Jogo Simbólico, realizando desejos, a compensação, a livre satisfação das necessidades subjectivas. Numa palavra, a expressão tão completa quanto possível do “Eu”, distinto da realidade material e social.” (p.24)

As actividades que mais facilitam as expressões são as artísticas. Na expressão pela pintura [Figura 3] poderemos verificar o enorme interesse que o sujeito sente pelo seu produto expressivo, enquanto a produz, enquanto se está a expressar. Mas diz **Dalley (1987)** que assim que termina, o trabalho resultante, não perde totalmente o valor para si, mas não lhe interessa directamente. Apenas se interessa pela acção que lhe permitiu a expressão. Uma expressão é muito íntima e pessoal, e não é consumada para ser divulgada nem contemplada.



Figura 3- EXPRESSÃO PELA PINTURA

A criação plástica propicia um espaço de expressão de manifestações psicológicas difíceis de exteriorizar por outras vias.

O mesmo autor afirma que procurar avaliar, interpretar, catalogar um trabalho produzido, com critérios de técnica ou estética, serve para criar dificuldades e inibir a acção. Um desenho ou uma pintura produzidos em situações psicoterapêuticas não devem ser considerados como obras de arte. O sujeito expressa-se pelo prazer que proporciona e pela urgência que tem de se expressar, sendo a sua

ação a catarse das suas forças inconscientes mais profundas. Os problemas resultam da falta de expressão, uma vez que esta é uma actividade compensadora de problemas.

A expressão é pessoal, inconsciente, resultado da vida emocional e sentimental do indivíduo. Pelo contrário, uma criação poderá ser colectiva, poderá ser uma série das criações e expressões individuais dos elementos de um grupo.

Na opinião de **Dalley (1987)** a expressão pura é irrealizável, há sempre uma influência, externa ao indivíduo. A expressão quase pura encontra-se unicamente nas crianças de pouca idade, porque não tem qualquer ideia preconcebida, ainda não está influenciada pela experiência e pela instrução que lhe é dada. Esta expressa-se pela satisfação de o fazer, pela urgência que sente, e sem oposição em o fazer. A criança começa a limitar a sua forma de expressão ao tentar imitar o que viu para fazer.

A expressão é a manifestação individual da vida interior, pelo que é fundamental facilitar a sua impulsividade expressiva, proporcionando-lhe liberdade para expressar todos os seus anseios, fantasias, propensões, receios, pois sem liberdade, não há expressão. Trazer um acontecimento traumático recalcado a nível do consciente, possibilita trabalhar o trauma a nível intelectual e eliminá-lo, utilizando uma via adequada para que tenha um efeito catártico. A criação plástica é uma forma de estimular a imaginação e desenvolver o raciocínio.

Em arte-terapia, a ação de criar é unicamente uma forma de desenvolver a criatividade. O que importa terapeuticamente é a elaboração mental e não o produto expressivo final. Todavia, o produto criado inclui as realidades do sujeito, que são marcantes para si e a forma como se relaciona com elas.

A este propósito **Salavisa e Margarida Matos (1993)** referem que para Rambert (1963), Widlöcher (1965), Freud (1967), Klein (1969), Stern (s.d), e duma maneira geral para autores de orientação psicanalista, o desenho apresenta-nos o inconsciente do indivíduo, o modo como este se sente em relação a si e aos outros. Os psicoterapeutas de orientação analítica utilizam o desenho, tal como a associação de ideias e a análise dos sonhos, na abordagem do inconsciente.

Como refere **Salvador (1988)** entre os processos mentais e o desenho as conexões que existem são restritas de tal forma que este é usado em psicologia como teste. Esta noção de que a criança projecta nos seus desenhos os seus conflitos inconscientes, levou alguns autores a utilizar o desenho como teste: os elementos que o desenho tem ou que são omissos, as suas dimensões, a sua localização são avaliados, em alguns testes, como no teste do “Desenho de uma Família” Corman (1967) para se estudar a rede de interações familiares, no “Desenho de um Homem” Goodenough (1971), destinado à medida da idade mental; no de Machover (1949) – desenho de uma pessoa para se analisar a personalidade; no Biedma (1955) teste de Wartegg-Biedma e no de Karl Koch (1958) desenho da árvore, diagnóstico do tipo de personalidade; Lauretta Bender, com o teste viso – motor, à base da cópia de nove figuras geométricas, propôs um método do diagnóstico das desordens e deficiência mental mormente na dependência da regressão da personalidade.

Salavisa e Margarida Matos (1993) referem ainda que esta posição foi contudo contestada por outros autores como Harris (1963, citado por Eisner) e Chabrol (1987), por exemplo, e terá de ser encarada com precaução, por todas as condicionantes que parecem estar envolvidas no acto de desenhar. Uma outra crítica generalizada entre os autores que se opõem à avaliação da personalidade através do desenho, tem a ver com alguma ambiguidade nos critérios previstos para a cotação/ interpretação dos desenhos.

2.1.5 BASES TEÓRICAS

Sousa (2005) aponta-nos as bases teóricas da arte-terapia. A base psicanalítica da arte-terapia encara o processo de criação espontânea de imagens que traduzem sentimentos e pensamentos, derivadas do inconsciente. Considera que as experiências do sujeito se expressam melhor graficamente do que em palavras.

A arte-terapia é pois, um modo de expressão não-verbal que permite fazer a catarse das emoções e sentimentos, que seria complicado ocorrer por outros meios.

A criação artística utiliza a linguagem simbólica, com o valor simbólico do inconsciente da mesma forma que os sonhos. Todavia os desenhos e pinturas são efectuados de maneira consciente e intencionada, controlados pela vontade intelectual e ficam registados, ao passo que os sonhos são inconscientes, existindo processos que os criticam, acabando depressa com as suas recordações.

Na perspectiva psicanalítica a arte é um modo de catarse [Figura 4], de ressarcimento e de elevação, tendo o carácter dinâmico da criação artística.



Figura 4 – A EXPRESSÃO COMO MODO DE CATARSE

As bases psicológicas da arte-terapia baseiam-se na óptica da “terapia centrada no paciente”, de Carl Rogers (1951), que defende que o sujeito tem as capacidades indispensáveis para trabalhar o seu auto-reequilíbrio psíquico. É tida como uma terapia não-directiva.

As características essenciais da relação terapêutica são a empatia e a absoluta confiança mútua, entre o terapeuta e o sujeito.

É uma terapia do momento, importa a abordagem do seu psiquismo actual que é presentemente o produto do seu passado.

“O melhor ângulo para a compreensão da conduta é a partir do quadro de referência do próprio indivíduo” **Rogers (1951)**, citado por **Sousa, 2005, p. 258**).

A terapia focada no indivíduo implica uma atitude de não-directividade, embora não seja totalmente permissiva, é contra dirigismos e autoritarismos.

O meio terapêutico deverá ser cheio de ternura, compreensão e de tolerância, onde a liberdade expressiva é total, estimulando a espontaneidade expressiva e criativa.

O terapeuta é um conselheiro que orienta, acalma, incentiva, interessa-se pelas dificuldades do sujeito, incentivando-o na busca das suas práticas auto terapêuticas. Não critica nem julga as atitudes ou as actividades expressivas.

Rogers (1951, citado por Sousa, 2005) esclarece que:

“O paciente, na sua relação emocional com o terapeuta, começa a experimentar um sentimento de segurança à medida que descobre que seja qual for a atitude que exprime ela é compreendida e aceite quase da mesma maneira como ele a vê. O paciente, experimentando no terapeuta uma aceitação de si, pode assumir para consigo mesmo uma idêntica atitude. Descobre também que se pode aceitar a si próprio sem hostilidade”. (p. 258)

O desenho e a pintura representam muito de si próprio, dos seus sentimentos e do que tem maior significado para si.

O sujeito procura estabelecer uma relação transferencial com o terapeuta quando lhe pede ajuda, está a fazer-lhe um pedido no domínio dos sentimentos e não um apoio técnico no trabalho. Esta transferência empática é uma postura afectiva criada entre o terapeuta e aquele que frequenta o ateliê, este consciencializa-se de que as suas atitudes estão em si mesmo e não no terapeuta.

Os desenhos e as pinturas que resultam do trabalho terapêutico são simples e o seu valor está no processo criativo que esteve presente durante a sua elaboração.

Nos desenhos a perfeição do traçado não tem interesse, mas o que ele representa. As obras feitas pelos que frequentam o ateliê não têm o propósito de ser vistas como obras de arte. Exposições dos trabalhos produzidos não têm razão de ser.

2.1.6 PROCEDIMENTOS

Conforme nos esclarece **Sara Paín (2009)**, o terapeuta deve manter uma neutralidade total, não se envolvendo emocionalmente, nem emitindo opiniões pessoais. Não deve responder a perguntas de carácter pessoal, nem fazer quaisquer julgamentos de forma a evitar a criação de pressupostos pelo paciente.

O terapeuta deve compreender que a arte e a terapia têm propósitos diferentes, apesar do campo da criação plástica seja o mesmo. Não deverá comparar os trabalhos, nem seleccionar o que considera “melhor”, tal como não deve promover, nem apoiar a realização de concursos ou exposições.

O terapeuta deve encarar a expressão plástica daquele que produz a obra como uma projecção da sua personalidade e das suas dificuldades e como tal compreender que as “proporções erradas” expressam, normalmente, uma experiência e não devem, por isso, ser corrigidas. Não deverá exemplificar nem corrigir o trabalho para que não limite a liberdade de expressão daquele que o produz.

A este propósito **Luquet (1987)** diz-nos:

“... no que diz respeito ao desenho, o que terá melhor a fazer o educador é apagar-se, deixar a criança desenhar o que quer, [...] e sobretudo deixá-la desenhar como quer, a seu modo.” (p.230)

O terapeuta, de acordo **Paín (2009)**, deve dar-lhe atenção, motivá-lo, ajudá-lo a resolver as crises e conflitos, a analisar e a procurar nas suas vivências os seus próprios caminhos expressivo-catárticos possíveis. Precisa criar um ambiente de tolerância, favorável à expressão - criativa espontânea e estimular o espírito de liberdade, que surge da dificuldade de se expressar por si mesmo.

Os terapeutas devem considerar mais importante o momento em que ocorre a expressão catártica do acto criativo do sujeito, portanto a acção do que, a interpretação dos trabalhos produzidos e o produto final. Devem assimilar que o sujeito está a viver experiências necessárias [Figura 5] para o seu reequilíbrio psíquico enquanto trabalha e admirar o seu esforço, quando é capaz de expressar a sua própria experiência. Mas não deve dar importância em demasia a tudo o que o indivíduo faça indiscriminadamente.



Figura 5 - EXPERIÊNCIAS NECESSÁRIAS

Alguns autores, como **Dalley (1987)** aconselham o terapeuta a observar os produtos plásticos conforme os problemas do sujeito e não como um trabalho artístico e que se abstenha de fazer a leitura dos trabalhos isoladamente, fora da circunstância em que estão a ser criados.

Em “*Uma Nova Compreensão da Arte Infantil*” **Arno Stern** refere:

“O educador que conhece a qualidade da expressão evita os erros que têm repercussões tão perniciosas para a criatividade. Assim, a compreensão da arte infantil conduz a uma melhor educação.” Arno Stern *Uma Nova Compreensão da Arte Infantil*. (s.d.)

2.1.7 TÉCNICAS, MATERIAIS E REGRAS DE SEGURANÇA

As técnicas e os materiais são essenciais para a expressão plástica e uma das principais preocupações é utilizar as técnicas mais proveitosas e os materiais mais adequados, pois é através deles que o indivíduo se irá expressar e criar.

Read, H. (1982) considera que as técnicas seleccionadas e o material usado estão intimamente ligados aos factores emocionais, sentimentais e cognitivos do indivíduo, que vai tendo uma necessidade crescente de as diversificar para se expressar da melhor maneira à medida que as suas experiências se desenvolvem.

O mesmo autor esclarece que as técnicas e os materiais não devem ser considerados objectivos terapêuticos ou áreas de execução técnica ou ensino, mas áreas de total liberdade de exploração criativo-expressiva, que devem estar ao serviço das carências do indivíduo servindo apenas para permitir a expressividade deste. O terapeuta deve encarar o material como uma via de satisfazer as faltas do indivíduo e não como um meio de ensinar técnicas artísticas.

Assim, para que o processo terapêutico decorra naturalmente, é imperioso que não se imponham temas [Figura 6], exercícios, cópias e resultados perfeitos, pois priva o indivíduo da liberdade de exprimir as emoções e os sentimentos.



Figura 6 - ÁREA DE TOTAL LIBERDADE DE EXPLORAÇÃO CRIATIVO-EXPRESSIVA

Neste sentido **Read (1982)**, considera que aquele que frequenta o ateliê deve entender que os materiais o servem e não o contrário, devendo conhecer a riqueza própria de cada material, todavia o terapeuta não pode desaprová-lo o uso inadequado ou imprevisto que poderá ter.

Cabe ao terapeuta encontrar o material mais apropriado para cada situação pois cada material, com as suas características próprias, auxilia de maneira particular na expressividade e na criatividade do indivíduo em certas condições específicas.

É também indispensável garantir que não falem materiais e que estes e as técnicas sejam apropriados às necessidades expressivas do indivíduo.

A selecção dos materiais a proporcionar ao indivíduo deverá ser cuidadosamente ponderada pelo terapeuta devido aos perigos que alguns materiais poderão encerrar em relação às capacidades dos indivíduos.

Para a sua expressão plástica necessita de materiais da melhor qualidade, que lhe proporcionem a mais elevada possibilidade de expressão e de criação, pois é complicado trabalhar com material impróprio. Provoca decepções e descontentamento; precisamente o oposto ao prazer de criar e à liberdade de expressão.

Vários autores (**Read, 1982; Pain, 2009**) entre outros destacam que o terapeuta deve assegurar que aquele que frequenta o espaço terapêutico assuma alguma responsabilidade nos cuidados e na manutenção do material, independentemente da sua idade e das suas capacidades, por proporcionar a oportunidade de desenvolver uma actividade expressiva total.

Quando se trabalha com crianças e com casos regressivos podem ser usados os materiais sugeridos por **Lowenfeld (1980)** de acordo com as etapas de desenvolvimento da expressão plástica da criança.

Assim, segundo este autor, a criança na Etapa da Garatuja (2- 4anos), segundo o autor citado, precisa de fazer experiências sensoriais, principalmente visuais e tácteis, e os materiais devem facilitá-las evitando dificuldades técnicas. Experiências de sensibilidade, tocar, segurar e palpar formas e texturas. Deve ter a oportunidade de desenhar/ pintar com as pontas dos dedos e a mão. As tintas devem ser suficientemente consistentes, para não escorrem do papel e o suporte para o desenho deve ser papel branco, com gramagem média e com aproximadamente o tamanho de uma folha A3 e para a pintura, um pouco maior.

A criança deve experienciar a sensação do barro, usando a motricidade dos dedos. O pedaço de barro deverá ter o volume adequado para que possa bater com ele na mesa, pois ajuda no alívio de tensões agressivas (catarse). A argila deverá ter a dureza adequada às capacidades da criança.

A criança com idade compreendida entre os 4 e os 7 anos de idade (etapa pré-esquemática) representa realidades que tem significado para si, muda várias vezes de materiais o que permite a exploração de novas formas de expressão.

Lowenfeld aconselha a utilização de tinta plástica ou de água para desenvolver a criatividade. A tinta deve ter a espessura que evite o seu escorrer e aplicada com um pincel de cerda sobre grandes folhas de papel absorvente.

Também o lápis de cera ou de pastel, o barro e as técnicas de recorte e colagem, são adequados. É preferível que as actividades não impliquem o uso de materiais que acarretem trabalho demorado e metucioso, para que não se tornar monótono.



Figura 7 – PINTURA EM GRANDES SUPERFÍCIES

Quando a criança tem entre os 7 e os 9 anos de idade, está na denominada etapa esquemática e descobre a noção de esquema conseguido pela forma, espaço e cor, repetindo frequentemente cores e objectos.

A criança está mais capaz de expor as suas ideias e pode agora trabalhar com outros materiais como a aguarela e materiais naturais, utilizando folhas maiores. A aguarela faz aparecer cores estimulando a criatividade.

Dos 9 aos 12 anos a criança encontra-se na etapa do realismo, continua a querer experimentar a maior diversidade de técnicas e materiais, para se poder exprimir-se de vários modos.

A criança gosta de pintar grandes superfícies [Figura 7] e as tintas podem não ser tão espessas, preparando-as conforme o efeito que se quer. Deverá ter a oportunidade de misturar as tintas para descobrir a cor que mais a seduz e fazer composições figurativas abstractas.

As actividades podem ser realizadas em grupos, num trabalho colectivo-cooperativo.

Na etapa Pseudonaturalista, dos 12 aos 14 anos o adolescente é capaz de realizar trabalho de projecto, reflectir e seleccionar a melhor técnica e os materiais que serão mais adequados.

Tem uma enorme capacidade de controlo da motricidade fina e coordenação, permitindo-lhe a experimentação de outros utensílios e de outras matérias. Consegue manusear materiais de vários tamanhos e misturá-los. Também as folhas de papel podem ter agora um tamanho reduzido.

Lowenfeld define uma última etapa: a etapa da Decisão (14 – 17 anos). Devem ser dadas ao jovem oportunidades, matérias e técnicas variadas para que possa escolher e criar diversos trabalhos diferentes.

Todas as etapas de um trabalho devem ser feitas exclusivamente pelo jovem, desde o projecto do trabalho à sua realização.

É preciso ter sempre presente que o mais importante será sempre as necessidades particulares daquele que frequenta o ateliê e nunca o processo. Este existe simplesmente para servi-lo, devendo-se empregar os métodos que melhor poderão actuar terapeuticamente.

O local deve estar e permanecer sempre bem limpo e arrumado, ser bem arejado, uma vez que se trabalha com tintas e para evitar acidentes.

As tintas devem estar prontas, colocadas no centro de uma mesa, junto das quais deve haver um pincel para cada cor, pois as tintas misturam-se e sujam-se.

A tinta deve estar com a espessura adequada para que deslize sobre a superfície sem escorrer. É aconselhável pintar sobre a mesa sem estar sentado ou sobre um papel fixado na parede de maneira a que o braço se possa movimentar livremente. A água de limpeza dos pincéis deverá ser mudada frequentemente.

Próximo da paleta podem ser colocados recipientes com desperdícios, materiais naturais como folhas, flores, raízes, serradura, penas, pequenos pedaços de madeira, que seja possível colocar nas pinturas ou como instrumentos de pintar.

É necessário seguir-se normas de higiene, limpeza e segurança. As tesouras devem ser redondas e sem bicos.

A utilização de materiais e ferramentas perigosas só pode ser feita unicamente por aqueles que o terapeuta saiba possuírem atenção e coordenação motora suficiente para as manipular e sempre na sua presença atenta e cuidadosa.

É recomendável usar uma bata e o chão em que se trabalha, deverá ser tapado. A existência de um lavatório e uma torneira, panos de limpeza, sabão, um balde e uma esfregona é fundamental. Depois da conclusão dos trabalhos lavar todo o material inclusivamente as mesas.

Lowenfeld – Brittain (1977) refere que:

“Não há expressão artística possível sem auto-identificação com a experiência revelada, assim como com o material artístico utilizado para esse fim. Este é um dos factores básicos de qualquer expressão criadora; é a autêntica expressão do eu. Os materiais artísticos são controlados e manipulados por um indivíduo e o plano completo é seu. É o indivíduo quem usa seus materiais artísticos e sua forma de expressão de acordo com suas próprias experiências pessoais.” (28)

2.1.8 O Ensino e a Arte-Terapia

A escola considerada como uma comunidade na qual se constroem relações e se experimentam acontecimentos importantes, reúne condições únicas para que nela se incrementem iniciativas de formação, na perspectiva de uma formação integral do indivíduo, atenta às transformações que continuamente actuam na sociedade.

A escola deve potenciar espaços em que o aluno possa ir percebendo as suas características próprias, os seus interesses, carências e desejos. Deve proporcionar a realização de actividades de carácter essencialmente introspectivo de forma a desenvolver um melhor entendimento de si próprio, a conhecer o que pensa sobre um facto e o fundamento dos seus pensamentos e sentimentos e elaborar as bases da sua autonomia, como pretende ser e como quer actuar.

No espaço de arte-terapia num estabelecimento escolar devem desenvolver-se actividades que permitam aos alunos o auto conhecimento e a auto expressão a partir dos quais podem descobrir os principais problemas, obstáculos ao sucesso, à felicidade e isto, normalmente, não é um caminho simples. O docente tem um papel indispensável pois deve estar particularmente atento a aspectos como o estado de ânimo dos alunos. Deverá respeitar questões como o direito de cada aluno a ser reservado em relação às suas opiniões, tal como possibilitar as intervenções de carácter espontâneo.

O professor deve assumir uma atitude de entusiasmo, empática, de encorajamento constante e de afectividade que é essencial para o bom desenvolvimento e o progresso dos alunos. Deve pôr em prática estratégias que criem uma dinâmica motivadora e que permitam construir e/ou fortalecer a auto-estima, o auto conhecimento e o conhecimento dos outros, de maneira a possibilitar a inclusão no colectivo, entendendo-se como alguém com direitos e deveres consciente dos seus próprios limites.

Quando um aluno se encontra perante uma situação de conflito interior deve iniciar um processo de análise, o que implica uma reflexão sobre uma possível via a seguir, tal como uma comparação com as outras possibilidades. Valores como a tolerância, a lealdade, a gratidão, a solidariedade, entre outros, consideram-se sempre desejáveis e constituem alguns dos objectivos que os alunos devem

conseguir. Hoje, o professor é orientador, companheiro e reflexivo que analisa as suas práticas e as partilhas com os demais que forçosamente estão envolvidos no processo educativo das crianças.

Há problemas que afligem a escola, perturbam as aprendizagens, angustiam os professores. Como profissionais do ensino vemos que grande parte das crianças vem de meios onde impera a ignorância e a raiva, ambientes destrutivos, famílias alcoólicas ou de pais abusivos e chegam às escolas cheias de fome, medo, solidão ou de dor. Em casa, escassas vezes se encontram livros e música e às vezes só há barulho e ansiedade. Ou pelo contrário, são crianças sem disciplina interior, petulantes e mimadas, acostumadas a ver satisfeitos todos os seus desejos.

As escolas estão cheias de crianças assim que não aprendem nem deixam aprender, que causam problemas disciplinares, que resistem a todos os esforços.

Estes problemas têm vindo a ser sinalizados por professores que reconhecem que o desenvolvimento económico, social e cultural das sociedades, caracterizadas pela globalização da economia, pela difusão do acesso à informação e por uma cada vez maior competitividade, é inseparável de sistemas educativos que consigam garantir uma educação de qualidade para todos.

A escola, espaço educativo por excelência, terá que aprender a inserir-se num contexto histórico-social assim problemático. Ela é ao mesmo tempo um espelho de problemas exteriores e um agente para a sua resolução.

A construção de um ensino com mais qualidade, mais adequado às necessidades e pretensões dos discentes e com as imposições da sociedade actual obriga a uma reflexão e acções mais sustentadas.

Pensamos que a defesa de espaços onde possamos desenvolver uma relação pessoal com o aluno é fundamental, e a arte-terapia é um desses espaços, impõe-se como nunca. Os desafios do tempo em que vivemos pedem uma resposta activa e crítica.

Nesse sentido defendemos a urgência de uma nova atitude, mais crítica, activa e comprometida.

2.2 INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

“Projectar, para além de questionar, é dar forma nova e mais ordenada às acções com uma finalidade desejada e previsível. É ligar o sonho e a imaginação sem fronteiras aos condicionamentos do real”.

(SANTOS, Ribeiro, 1990 p.133)

2.2.1 ENQUADRAMENTO DO ESTUDO

A arte-terapia mereceu a nossa atenção não só por constituir uma problemática actual, pertinente e que tem adquirido força e importância nos últimos tempos, mas fundamentalmente por considerarmos que poderá ser uma mais-valia nos estabelecimentos de ensino no combate à inadaptação ao meio escolar, aos comportamentos desviantes da norma ou de risco, ao insucesso

escolar, ao abandono escolar, ... Constatando, assim, que está directamente relacionada com a nossa vivência quotidiana enquanto profissionais do ensino.

Esta terapia pode trazer à escola a possibilidade de trabalhar de modo mais inteligente e de não continuar a constituir apenas uma série de disciplinas que de modo aditivo informa os alunos e ensina um conjunto de saberes.

Esta área constitui um espaço particularmente fecundo, privilegiado e promissor.

A investigação aqui descrita procura perceber o grau de conhecimento sobre a arte-terapia e a importância atribuída a esta área pelos docentes do 1º, 2º e 3º ciclo do ensino básico do Agrupamento de Escolas do Concelho de Vimioso e verificar até que ponto a idade, género, situação profissional, tempo de serviço e habilitações académicas influenciam esse conhecimento e importância.

Os dados que apresentamos e analisamos resultam de um processo de recolha de informação assente num inquérito por questionário construído e passado a uma amostra da população.

Cada escola é um caso, com uma identidade e características próprias que a tornam diferente de todas as outras. E isto acontece devido à região onde está inserida, pelas características da sua população, pela mobilidade dos professores, daí que as conclusões desta investigação não possam ser generalizadas.

Trata-se de uma investigação simples e de uma tentativa de compreender o processo de pensamento de quem é objecto de amostra.

A análise das informações levar-nos-ia muito além do patenteado neste trabalho, no entanto, temos constrangimentos relacionados com o tempo disponível pelo que este é o trabalho possível dadas as circunstâncias.

2.2.2 METODOLOGIA

Neste ponto pretendemos descrever os passos da investigação que se realizou a partir da definição dos objectivos, apresentamos as hipóteses que se construíram e que representam possíveis conclusões para testar posteriormente nesta parte empírica da investigação.

2.2.3 TIPO DE INVESTIGAÇÃO

Um processo de investigação implica, necessariamente, uma determinada metodologia, isto é, na prática, um conjunto de operações que conduz ao apuramento dos objectivos da investigação.

As metodologias de investigação são várias, revestindo-se algumas delas de complexidade acrescida.

Hill e Hill (2002), afirma que:

O processo de investigação não é só um processo de aplicação de conhecimento, mas também, um processo de planificação e criatividade controlado, por isso, é uma das fases da investigação muito importante.
(p.20)

Para levar a cabo este estudo recolheram-se dados de natureza qualitativa e quantitativa, optando-se por elaborar um questionário que foi aplicado a todos os docentes do 1º, 2º e 3º ciclo do Agrupamento de Escolas do Concelho de Vimioso. Uma tal abordagem requer uma análise em que a partir do quadro teórico, procurámos fundamentar as opções tomadas e elaborar um discurso interpretativo das práticas numa lógica compreensiva da realidade.

Nesse sentido a investigação surge a partir de uma questão fulcral:

- Em que medida as características sócio demográficas dos professores do 1º, 2º e 3º ciclo do Agrupamento de Escolas do Concelho de Vimioso influenciam o grau de conhecimento sobre a Arte – Terapia e a importância atribuída a esta área?

Assim, o presente estudo visa atingir os seguintes objectivos:

- Perceber qual o grau de conhecimento sobre a Arte - Terapia e a importância que os docentes do Agrupamento de Escolas do Concelho de Vimioso atribuem a esta área;
- Comparar as opiniões dos professores em função da idade, do género, das habilitações académicas, da situação profissional e do tempo de serviço.

Trata-se de uma investigação organizada em torno de hipóteses de trabalho.

Quivy e Campenhoudt (1992) explica que:

A organização de uma investigação em torno de uma ou várias hipóteses constitui a melhor forma de a conduzir com ordem e rigor. Além disso um trabalho não pode ser considerado uma verdadeira investigação se não se estrutura em torno de uma ou várias hipóteses. (p.119)

Assim, para a consecução do nosso trabalho empírico, deduzimos cinco hipóteses e definimos o questionário como método de análise da realidade psicossocial, na medida em que garante o anonimato, condição necessária para a autenticidade das respostas. Não precisa de ser respondido de imediato, permitindo ao inquirido a escolha da hora adequada para o efeito.

Optámos por este instrumento, devido também à possibilidade que concede para o tratamento quantitativo das informações. Procedemos à elaboração do questionário para recolher, tratar, analisar, e posteriormente poderem ser interpretados os dados descritos pelos docentes do Agrupamento de Escolas do Concelho de Vimioso, como espelhos da realidade sentida e vivida por cada um deles.

Temos consciência da fragilidade dos dados assim obtidos embora reconhecendo todo o conjunto de limitações, pareceu-nos ser este o processo mais aceitável para servir de suporte a este trabalho.

Lima (1981) comenta:

“Afigura-se-nos pertinente citar, neste contexto, Bourdieu, Passeron e Chamboredon (1968), quando afirmam: “O questionário pressupõe todo um

conjunto de exclusões; para saber estabelecer um questionário e saber o que fazer dos factos por ele produzidos, é necessário conhecer o que o questionário produz, isto é, entre outras coisas, o que ele pode alcançar”. Assim, é importante “discernir metodicamente as declarações de intenção, as acções e as declarações de acção, que podem estabelecer com o comportamento real, relações que vão do exagero valorizante ou da omissão por preocupação com o segredo às deformações, reinterpretações e mesmo aos esquecimentos selectivos.” (p.24)

2.2.4 CONSTRUÇÃO DE HIPÓTESES

A opção por uma determinada metodologia de investigação é feita em conformidade com a problemática em estudo e com o tipo de questões a que se pretende responder. Uma vez que o objectivo primordial da nossa investigação consiste, essencialmente, em encontrar relações entre as variáveis recorrendo ao tratamento estatístico de dados recolhidos para confirmar ou não as hipóteses, optamos por uma metodologia de natureza quantitativa e qualitativa por se considerar tratar-se de uma abordagem mais adequada à problemática em questão.

“Uma hipótese é uma proposição que prevê uma relação entre dois termos [...], uma suposição que deve ser verificada”. (QUIVY, 1992 p.151)

A importância da hipótese em qualquer investigação resulta essencialmente do facto dela se tornar o instrumento organizador e orientador daquela, facilitando a selecção dos dados e a organização da sua análise, levando à fundamentação da teoria.

“A hipótese faz uma ponte entre a parte teórica e a parte empírica da investigação”. (HILL, 2002 p.21)

Formulamos no nosso trabalho o seguinte conjunto de hipóteses que procuraremos testar ao longo da investigação prática:

H1: Não há diferenças significativas no grau de conhecimento sobre a arte-terapia e na importância que os docentes do Agrupamento de Escolas do Concelho de Vimioso atribuem a esta área quando comparadas em função da idade.

H2: Não há diferenças significativas na opinião dos docentes do Agrupamento de Escolas do Concelho de Vimioso, homens ou mulheres, relativamente ao grau de conhecimento e à importância atribuída à arte-terapia.

H3: Não há diferenças significativas na opinião dos docentes do Agrupamento de Escolas do Concelho de Vimioso com habilitação de Bacharelato ou Licenciatura, relativamente ao grau de conhecimento sobre a Arte - Terapia e à importância atribuída a esta área.

H4: Não há diferenças significativas na opinião dos docentes do Agrupamento de Escolas do Concelho de Vimioso pertencentes ao Quadro de Escola ou Quadro de Zona Pedagógica relativamente ao grau de conhecimento e à importância atribuída à arte-terapia.

H5: Não há diferenças significativas na opinião dos docentes do Agrupamento de Escolas do Concelho de Vimioso relativamente ao grau de conhecimento à importância atribuída à arte-terapia quando comparadas com diferentes experiências profissionais.

Estas hipóteses derivam directamente dos objectivos da investigação.

2.2.5 DEFINIÇÃO DE VARIÁVEIS

Por pensarmos ser importante comparar as opiniões dos professores relativamente à importância atribuída à arte-terapia, mencionamos as seguintes **variáveis independentes**:

Idade: Para medir esta variável baseamo-nos em estudos feitos por Michael Huberman, relativamente a uma evolução progressiva da idade do professor. “A relação entre a idade e o conservadorismo. Realça a tendência, com a idade, para uma maior rigidez e dogmatismo (menos de 30 anos); para uma prudência acentuada, de uma resistência mais firme às inovações (dos 30-39 anos); para uma nostalgia do passado (dos 40-49 anos); e por fim, uma mudança de opinião face ao futuro (dos 50-59 anos)”. (**HUBERMAN in Nóvoa, 1992 p.42**)

A quantificação desta variável foi efectuada através de uma pergunta aberta e de acordo com a amplitude das idades encontradas dividimos esta amostra em três níveis etários: até aos 39 anos, dos 40-49 anos e mais de 49 anos.

Género: Foram inquiridos professores do 1º, 2º e 3º ciclo do género masculino e feminino, embora os primeiros tenham menor representatividade no grupo.

Habilitações Académicas: Dividimos esta variável em professores do 1º, 2º e 3º ciclo com o grau de Licenciatura e o de Bacharelato.

Situação Profissional: Fizemos distinção entre Professores do 1º, 2º e 3º ciclo do Quadro de Escola e do Quadro de Zona Pedagógica.

Tempo de Serviço: Para efeitos de medição desta variável consideramos 7 níveis, definidos segundo um critério baseado também em Huberman, onde é retratado o desenvolvimento profissional do docente que comporta uma sequência de fases.

HUBERMAN in Nóvoa, 1992 enumera os seguintes níveis:

“Entrada na carreira” – (1-3 anos de serviço): marcado pelo “choque do real” e pela “descoberta”. É a confrontação inicial com a complexidade da situação profissional: o tactear constante, a preocupação consigo próprio. É a distância entre os ideais e as realidades quotidianas da sala de aulas. É a dificuldade em fazer face simultânea à relação pedagógica e à transmissão de conhecimentos. A descoberta (em contrapartida) traduz o entusiasmo inicial; a experimentação; a exaltação de estar em situação de responsabilidade.

“Estabilização”- (4-6 anos de serviço): Caracteriza-se pela “segurança”, pelo “entusiasmo” e pela “maturidade”. É o estágio do “comportamento afectivo” e da “tomada de responsabilidade”. Implica a renúncia, pelo menos por um determinado período, a outras identidades.

“Diversificação”- (7-25 anos de serviço): Os professores lançam-se em experiências pessoais, diversificando o material didáctico, os modos de avaliação, as sequências dos programas...Nesta fase, os professores seriam os mais empenhados, os mais motivados, os mais dinâmicos nas equipas pedagógicas.

“Pôr-se em questão”- (no meio da carreira): Trata-se de uma fase com várias facetas. Em alguns professores, o questionamento é provocado pela monotonia das aulas. Para outros é o “desencanto”, devido aos fracassos das aulas experiências. Nesta fase, o professor questiona-se, faz uma retrospectiva do que tem sido a sua vida profissional e encara tanto a perspectiva de continuar, como a de seguir outros caminhos...

“Serenidade e distanciamento efectivo”- (26-35 anos de serviço): Esta fase caracteriza-se por grande serenidade em situações de sala de aula. O nível de ambição baixa, baixando também o nível de investimento; a sensação de confiança e de serenidade aumenta: Há um distanciamento afectivo entre professores e alunos, entre os quais o diálogo é mais difícil.

“Conservantismo e lamentações”- (perto do fim da carreira): Com a idade surge uma maior rigidez e dogmatismo, uma resistência mais firme às invasões e uma nostalgia do passado.

“Desinvestimento”- (a partir dos 35 anos de serviço final da carreira): O desinvestimento pode ser sereno (pressupõe a pessoa que teve experiências positivas; gostou do trabalho que desenvolveu, gostou da sua carreira) e pode ser amargo (a pessoa teve experiências de vida negativas; não gostou daquilo que fez).

Variável dependente: O grau de conhecimento e a importância atribuída pelos docentes do Agrupamento de Escolas do Concelho de Vimioso à Arte-Terapia.

Esta variável expressa-se através do somatório dos valores da escala de Likert com que os indivíduos valorizam cada uma das afirmações constantes do questionário.

3 MÉTODO

3.1 AMOSTRA

“Qualquer investigação empírica pressupõe uma recolha de dados. Ao conjunto total dos casos sobre os quais se pretende retirar conclusões dá-se o nome de População ou Universo”. (HILL, 2002 p.41)

Ao intervir sobre a população escolar há uma vasta área onde poderíamos enquadrar este estudo.

A investigação foi efectuada em 50 professores do 1º,2º e 3º ciclo do Ensino Básico do Agrupamento de Escolas do Concelho de Vimioso. Os professores que nela participaram foram contactados, nos estabelecimentos de ensino, por ser a forma mais rápida de recolher os dados pretendidos.

O motivo da escolha se ter limitado ao 1º, 2º e 3º ciclo do ensino básico ficou a dever-se ao facto do Agrupamento não ter Ensino Secundário. Aceitamos o conselho prático de Hill no que se refere à escolha de um universo pequeno para trabalhar, pois concordamos quando diz que “é melhor fazer uma boa investigação de âmbito limitado do que uma investigação fraca de grande escala” (HILL, 2002 p.44) até porque o tempo de que dispomos não nos possibilita fazer uma investigação de grande escala.

As escolas que colaboraram no estudo foram seleccionadas unicamente pelo facto de exercermos a docência nesse Agrupamento, o que permitiu um certo controlo e rapidez na distribuição e recolha dos questionários que foram aplicados a todos os docentes.

Com o objectivo de caracterizar a população inquirida, recolhemos através da primeira parte do questionário, que procurava determinar as características pessoais e profissionais, um conjunto de dados referentes à idade, género, habilitações académicas, situação profissional e tempo de serviço.

Variáveis		Frequência	Percentagem
Idade	<39 Anos	14	28
	40 – 49 Anos	22	44
	> 49 Anos	14	28
Género	Feminino	39	78
	Masculino	11	22
Grau Académico	Bacharelato	21	42
	Licenciatura	29	58
Situação Profissional	Q.E.	24	48
	Q.Z.P.	24	48
Tempo de Serviço	<25 Anos	25	50
	> 25 Anos	25	50

Tabela 2 – CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA SEGUNDO AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

3.2 PROCEDIMENTO DA RECOLHA DE DADOS

Qualquer investigação empírica pressupõe uma recolha de dados e a escolha do instrumento de recolha de dados (inquérito por questionário ou entrevista, observação directa...) é um passo importante num trabalho de investigação.

Diversos poderiam, certamente, ter sido os instrumentos de recolha de dados que se poderiam optar, neste estudo aplicamos o inquérito por questionário.

Com a finalidade de recolher dados relativos ao grau de conhecimento sobre a arte-terapia e a importância que os docentes atribuem a esta área em contexto escolar, optou-se pela realização dum questionário aplicado aos docentes do Agrupamento de Escolas do Concelho de Vimioso.

Optámos pela utilização de um inquérito por questionário por considerarmos que as informações procuradas são susceptíveis de serem colhidas de uma maneira rigorosa e facilitar a codificação e exploração das respostas permitindo uma maior objectividade e compreensão das questões que consideramos fundamentais.

O questionário, que apresentamos, foi construído especificamente para este estudo.

“A construção do questionário e a formulação das questões constituem uma fase crucial do desenvolvimento de um inquérito”. **(GHIGLIONE e MATALON 1993 p.119)**

O questionário elaborado passou por várias etapas até chegar à versão final.

Para avaliar a adequação do questionário a utilizar foi feito o estudo preliminar (pré-teste) a um grupo de docentes do Agrupamento em questão, com a finalidade de identificarmos dificuldades no preenchimento e a quem pedimos que se pronunciassem sobre a clareza das questões e sobre a sua possível ambiguidade a fim de verificar e fazer a respectiva reformulação.

“Depois de redigido, o questionário precisa de ser testado antes da sua utilização definitiva, aplicando-se alguns exemplares numa pequena população escolhida”. **(MARCONI e LAKATOS 1990 p. 90)**

Testámos o questionário a um grupo restrito de professores, tipo estudo piloto, de modo a obter a melhor estrutura possível, que pudesse dar resposta aos nossos objectivos.

O questionário é do tipo estruturado, sendo constituído por dois tipos de questões e engloba duas partes com perguntas abertas e fechadas.

A primeira parte constituída por duas perguntas abertas e duas fechadas, procura colher dados pessoais e profissionais com o objectivo de caracterizar os docentes inquiridos.

A segunda parte constituída por cinco perguntas fechadas e uma aberta destina-se a obter dados necessários ao estudo no sentido de responder às questões de investigação e desta forma confirmar ou infirmar as hipóteses levantadas.

4 RESULTADOS

Neste ponto apresentamos os dados obtidos a partir da aplicação do questionário composto por várias questões.

Relativamente à questão aberta da 2ª parte, os inquiridos não registaram qualquer opinião

4.1 Análise em Função da Idade

Questões	Idade	N	\bar{X}	s
1. Conhece o vocábulo “Arte – Terapia” e sabe o seu conceito?	<39 anos	14	4,64	,633
	40 – 49 anos	22	4,86	,351
	> 49 anos	14	4,86	,363
	Total	50	4,80	,452
2. Sabe da existência de algum projecto de arte – Terapia fora do contexto escolar?	<39 anos	14	4,36	,842
	40 – 49 anos	22	4,18	,795
	> 49 anos	14	3,64	,842
	Total	50	4,08	,853
3. Tem conhecimento da existência de projectos de Arte – Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses?	<39 anos	14	3,79	,893
	40 – 49 anos	22	3,95	,722
	> 49 anos	14	3,36	,745
	Total	50	3,74	,803
4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	<39 anos	14	4,14	,864
	40 – 49 anos	22	4,50	,673
	> 49 anos	14	4,14	,535
	Total	50	4,30	,707
5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	<39 anos	14	4,64	,633
	40 – 49 anos	22	4,82	,395
	> 49 anos	14	4,71	,469
	Total	50	4,74	,487

Tabela 3 – COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS DOS INQUIRIDOS EM FUNÇÃO DA IDADE

		Soma dos Quadrados	df	Média dos Quadrados	F	p
Questão 1	Entre Grupos	,481	2	,240	1,186	,314
	Dentro dos Grupos	9,519	47	,203		
	Total	10,000	49			
Questão 2	Entre Grupos	3,979	2	1,989	2,949	,062
	Dentro dos Grupos	31,701	47	,674		
	Total	35,680	49			
Questão 3	Entre Grupos	3,094	2	1,547	2,549	,089
	Dentro dos Grupos	28,526	47	,607		
	Total	31,620	49			
Questão 4	Entre Grupos	1,571	2	,786	1,611	,211
	Dentro dos Grupos	22,929	47	,488		
	Total	24,500	49			
Questão 5	Entre Grupos	,276	2	,138	,571	,569
	Dentro dos Grupos	11,344	47	,241		
	Total	11,620	49			

Tabela 4 – COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS EM RELAÇÃO À IDADE

4.2 Análise em Função do Género

Questões	Género	N	X	s	t	df	p																																												
1. Conhece o vocábulo “Arte – Terapia” e sabe o seu conceito?	Masculino	11	4,91	,302	,905	48	,370																																												
	Feminino	39	4,77	,485				2. Sabe da existência de algum projecto de arte – Terapia fora do contexto escolar?	Masculino	11	4,27	,905	,846	48	,402	Feminino	39	4,03	,843	3. Tem conhecimento da existência de projectos de Arte – Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses?	Masculino	11	3,82	,603	,362	48	,719	Feminino	39	3,72	,857	4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	Masculino	11	4,64	,674	1,829	48	,074	Feminino	39	4,21	,695	5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Masculino	11	4,91	,302	1,314	48	,195
2. Sabe da existência de algum projecto de arte – Terapia fora do contexto escolar?	Masculino	11	4,27	,905	,846	48	,402																																												
	Feminino	39	4,03	,843				3. Tem conhecimento da existência de projectos de Arte – Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses?	Masculino	11	3,82	,603	,362	48	,719	Feminino	39	3,72	,857	4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	Masculino	11	4,64	,674	1,829	48	,074	Feminino	39	4,21	,695	5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Masculino	11	4,91	,302	1,314	48	,195	Feminino	39	4,69	,521								
3. Tem conhecimento da existência de projectos de Arte – Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses?	Masculino	11	3,82	,603	,362	48	,719																																												
	Feminino	39	3,72	,857				4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	Masculino	11	4,64	,674	1,829	48	,074	Feminino	39	4,21	,695	5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Masculino	11	4,91	,302	1,314	48	,195	Feminino	39	4,69	,521																				
4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	Masculino	11	4,64	,674	1,829	48	,074																																												
	Feminino	39	4,21	,695				5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Masculino	11	4,91	,302	1,314	48	,195	Feminino	39	4,69	,521																																
5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Masculino	11	4,91	,302	1,314	48	,195																																												
	Feminino	39	4,69	,521																																															

Tabela 5 – COMPARAÇÃO ATRAVÉS DO T – TESTE, DOS RESULTADOS DOS INQUIRIDOS EM FUNÇÃO DO GÉNERO

4.3 Análise em Função das Habilitações Académicas

Questões	Habilitações Académicas	N	\bar{X}	s	t	df	p																																												
1. Conhece o vocábulo “Arte – Terapia” e sabe o seu conceito?	Bacharelato	21	4,86	,359	,758	48	,452																																												
	Licenciatura	29	4,76	,511				2. Sabe da existência de algum projecto de arte – Terapia fora do contexto escolar?	Bacharelato	21	4,05	,865	,226	48	,822	Licenciatura	29	4,10	,860	3. Tem conhecimento da existência de projectos de Arte – Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses?	Bacharelato	21	3,86	,854	,875	48	,386	Licenciatura	29	3,66	,769	4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	Bacharelato	21	4,33	,658	,281	48	,780	Licenciatura	29	4,28	,751	5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Bacharelato	21	4,76	,436	,268	48	,790
2. Sabe da existência de algum projecto de arte – Terapia fora do contexto escolar?	Bacharelato	21	4,05	,865	,226	48	,822																																												
	Licenciatura	29	4,10	,860				3. Tem conhecimento da existência de projectos de Arte – Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses?	Bacharelato	21	3,86	,854	,875	48	,386	Licenciatura	29	3,66	,769	4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	Bacharelato	21	4,33	,658	,281	48	,780	Licenciatura	29	4,28	,751	5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Bacharelato	21	4,76	,436	,268	48	,790	Licenciatura	29	4,72	,528								
3. Tem conhecimento da existência de projectos de Arte – Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses?	Bacharelato	21	3,86	,854	,875	48	,386																																												
	Licenciatura	29	3,66	,769				4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	Bacharelato	21	4,33	,658	,281	48	,780	Licenciatura	29	4,28	,751	5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Bacharelato	21	4,76	,436	,268	48	,790	Licenciatura	29	4,72	,528																				
4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	Bacharelato	21	4,33	,658	,281	48	,780																																												
	Licenciatura	29	4,28	,751				5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Bacharelato	21	4,76	,436	,268	48	,790	Licenciatura	29	4,72	,528																																
5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Bacharelato	21	4,76	,436	,268	48	,790																																												
	Licenciatura	29	4,72	,528																																															

Tabela 6 – COMPARAÇÃO ATRAVÉS DO T – TESTE, DOS RESULTADOS DOS INQUIRIDOS EM FUNÇÃO DAS HABILITAÇÕES ACADÉMICAS

4.4 Análise em Função da Situação Profissional

Questões	Situação Profissional	N	\bar{X}	s	t	df	p																																												
1. Conhece o vocábulo “Arte – Terapia” e sabe o seu conceito?	Q.E.	24	4,83	,381	,000	46	1,000																																												
	Q.Z.P.	24	4,83	,381				2. Sabe da existência de algum projecto de arte – Terapia fora do contexto escolar?	Q.E.	24	3,88	,850	-1,905	46	,063	Q.Z.P.	24	4,33	,816	3. Tem conhecimento da existência de projectos de Arte – Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses?	Q.E.	24	3,63	,770	-1,263	46	,213	Q.Z.P.	24	3,92	,830	4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	Q.E.	24	4,33	,637	,401	46	,690	Q.Z.P.	24	4,25	,794	5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Q.E.	24	4,71	,464	1,020	46	,313
2. Sabe da existência de algum projecto de arte – Terapia fora do contexto escolar?	Q.E.	24	3,88	,850	-1,905	46	,063																																												
	Q.Z.P.	24	4,33	,816				3. Tem conhecimento da existência de projectos de Arte – Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses?	Q.E.	24	3,63	,770	-1,263	46	,213	Q.Z.P.	24	3,92	,830	4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	Q.E.	24	4,33	,637	,401	46	,690	Q.Z.P.	24	4,25	,794	5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Q.E.	24	4,71	,464	1,020	46	,313	Q.Z.P.	24	4,83	,381								
3. Tem conhecimento da existência de projectos de Arte – Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses?	Q.E.	24	3,63	,770	-1,263	46	,213																																												
	Q.Z.P.	24	3,92	,830				4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	Q.E.	24	4,33	,637	,401	46	,690	Q.Z.P.	24	4,25	,794	5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Q.E.	24	4,71	,464	1,020	46	,313	Q.Z.P.	24	4,83	,381																				
4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	Q.E.	24	4,33	,637	,401	46	,690																																												
	Q.Z.P.	24	4,25	,794				5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Q.E.	24	4,71	,464	1,020	46	,313	Q.Z.P.	24	4,83	,381																																
5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Q.E.	24	4,71	,464	1,020	46	,313																																												
	Q.Z.P.	24	4,83	,381																																															

Tabela 7 – COMPARAÇÃO ATRAVÉS DO T – TESTE, DOS RESULTADOS DOS INQUIRIDOS EM FUNÇÃO DA SITUAÇÃO PROFISSIONAL

4.5 Análise em Função do Tempo de Serviço

Questões	Tempo de Serviço	N	\bar{X}	s	t	df	p																																												
1. Conhece o vocábulo “Arte – Terapia” e sabe o seu conceito?	Muito baixa	25	4,80	,500	,000	48	1,000																																												
	Baixa	25	4,80	,408				2. Sabe da existência de algum projecto de arte – Terapia fora do contexto escolar?	Muito baixa	25	4,28	,792	1,688	48	,098	Baixa	25	3,88	,881	3. Tem conhecimento da existência de projectos de Arte – Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses?	Muito baixa	25	3,84	,800	,878	48	,384	Baixa	25	3,64	,810	4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	Muito baixa	25	4,28	,792	-,198	48	,844	Baixa	25	4,32	,627	5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Muito baixa	25	4,80	,500	,869	48	,389
2. Sabe da existência de algum projecto de arte – Terapia fora do contexto escolar?	Muito baixa	25	4,28	,792	1,688	48	,098																																												
	Baixa	25	3,88	,881				3. Tem conhecimento da existência de projectos de Arte – Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses?	Muito baixa	25	3,84	,800	,878	48	,384	Baixa	25	3,64	,810	4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	Muito baixa	25	4,28	,792	-,198	48	,844	Baixa	25	4,32	,627	5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Muito baixa	25	4,80	,500	,869	48	,389	Baixa	25	4,68	,476								
3. Tem conhecimento da existência de projectos de Arte – Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses?	Muito baixa	25	3,84	,800	,878	48	,384																																												
	Baixa	25	3,64	,810				4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	Muito baixa	25	4,28	,792	-,198	48	,844	Baixa	25	4,32	,627	5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Muito baixa	25	4,80	,500	,869	48	,389	Baixa	25	4,68	,476																				
4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?	Muito baixa	25	4,28	,792	-,198	48	,844																																												
	Baixa	25	4,32	,627				5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Muito baixa	25	4,80	,500	,869	48	,389	Baixa	25	4,68	,476																																
5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?	Muito baixa	25	4,80	,500	,869	48	,389																																												
	Baixa	25	4,68	,476																																															

Tabela 8 – COMPARAÇÃO ATRAVÉS DO T – TESTE, DOS RESULTADOS DOS INQUIRIDOS EM FUNÇÃO DO TEMPO DE SERVIÇO

5 DISCUSSÃO

Neste ponto analisamos os dados obtidos a partir da aplicação do questionário composto por várias questões.

Começaremos por uma análise descritiva e faremos comparações, dos resultados dos inquiridos, em função das variáveis.

Observando atentamente a tabela 3 com a comparação dos resultados dos inquiridos em função da idade, verificamos que os três grupos de inquiridos conhecem o vocábulo “Arte-Terapia” e o

conceito que lhe está subjacente, bem como consideram vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar.

Através da aplicação do teste descritivo, podemos verificar que os docentes mais novos conhecem o vocábulo “Arte-Terapia” e sabem o seu conceito (4,64) considerando vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar (4,64). Todavia, fazendo uma análise dos valores da média constatamos que relativamente ao conhecimento do termo “Arte-Terapia” e o seu conceito, os professores mais novos apresentam uma média inferior (4,64) em relação aos docentes mais velhos (4,86). De salientar que os inquiridos entre os quarenta e os quarenta e nove anos de idade e os professores mais velhos têm a mesma média (4,86), significando que ambos opinam da mesma maneira.

Relativamente à questão nº 4, destacamos que os inquiridos entre os quarenta e os quarenta e nove anos de idade consideram vantajosa a possibilidade da melhoria da qualidade do ensino através da arte (4,50) enquanto os professores mais novos e os mais velhos têm a mesma opinião mas são mais cépticos (4,14).

Ao examinarmos atentamente as respostas às questões nº2 e nº3 depreendemos que os sujeitos inquiridos, independentemente da idade, têm mais conhecimento de projectos de Arte-Terapia fora do contexto escolar do que nos estabelecimentos de ensino portugueses.

De notar, que os professores mais novos têm mais informação da existência de Projectos de Arte-Terapia fora do contexto escolar (4,36) do que os professores entre os quarenta e os quarenta e nove anos de idade que têm menos informações (4,18) e os docentes mais velhos que têm ainda menos informações (3,64).

Ao analisarmos os valores da média verificamos que são os professores entre os quarenta e os quarenta e nove anos de idade que dizem conhecer mais projectos de Arte-Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses (3,95), já os professores mais velhos apresentam uma média inferior (3,36).

Como podemos verificar, pela análise dos dados, os professores mais novos conhecem menos projectos de Arte-Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses (3,79) do que fora do contexto escolar (4,36).

Relativamente ao nosso estudo, analisando a tabela 4 com a comparação dos resultados obtidos em relação à idade, a relação entre as variabilidades quanto à 1ª pergunta $F(2,47) = 1,186$ $p = ,314$; 2ª pergunta $F(2,47) = 2,949$ $p = ,062$; 3ª pergunta $F(2,47) = 2,549$ $p = ,089$; 4ª pergunta $F(2,47) = 1,611$ $p = ,211$; 5ª pergunta $F(2,47) = ,571$ $p = ,569$.

Sendo assim, atendendo aos resultados apresentados quanto às questões inquiridas, em que p é sempre superior a 0,05, concluímos que não há diferenças significativas na opinião dos professores.

Ao examinarmos a tabela 5 com a comparação através do t – teste, dos resultados dos inquiridos em função do género, verificamos que os professores de ambos os géneros conhecem bem o vocábulo “Arte-Terapia” e o seu conceito, julgam que a qualidade do ensino melhora através da arte e consideram bastante vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar, ao passo que manifestam pouco conhecimento de projectos existentes neste campo, quer em contexto escolar ou fora dele.

Confrontando os valores da média verifica-se que oscilam entre 3,82 e 4,91 sendo o valor mínimo (3,82) atribuído à questão nº3 pelos professores do género masculino e do género feminino, enquanto o valor mais elevado (4,91) é atribuído às questões nº 1 e 5 pelos professores do género masculino.

Um dado curioso que ressalta desta observação é que os sujeitos inquiridos do género masculino possuem uma média superior em todas as questões relativamente aos inquiridos do género feminino.

Pela leitura e análise da tabela 5 facilmente se pode perceber que os docentes do género masculino conhecem bem o vocábulo e o conceito de “Arte-Terapia” (4,91), bem como consideram bastante vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar (4,91).

Este resultado não nos surpreendeu uma vez que a arte-terapia trata da utilização da arte para o desenvolvimento intelectual e social; estabelecimento de comunicações ou mesmo o desencadear de processos afectivos e emotivos que desbloqueiem distúrbios, perturbações ou fobias. Com base nesta terapêutica, é possível ajudar crianças e jovens com problemas de aprendizagem ou situações sociais de risco.

De notar, que os professores do género masculino têm poucos conhecimentos de projectos de Arte-Terapia nos estabelecimentos de ensino portugueses (3,82) tal como os docentes do género feminino (3,72).

Através da comparação das respostas dos dois grupos, relativamente às questões nº 2 e 3 concluímos que ambos têm mais conhecimento de projectos de Arte-Terapia fora do contexto escolar do que nos estabelecimentos de ensino portugueses.

Observando os valores da média dos professores do género masculino e feminino constatamos que nas questões: Questão 1 $t(48) = ,905$ $p = ,370$; Questão 2 $t(48) = ,846$ $p = ,402$; Questão 3 $t(48) = ,362$ $p = ,719$; questão 4 $t(48) = 1,829$ $p = ,074$; Questão 5 $t(48) = 1,314$ $p = ,05$; deduzimos assim não haver diferenças significativas uma vez que o valor de p tem um nível de significância superior a 0,05.

Observando atentamente a tabela 6 com a comparação através do t – teste, dos resultados dos inquiridos em função das habilitações académicas verificamos que os sujeitos inquiridos, tanto os que possuem bacharelato como licenciatura conhecem o termo “Arte-Terapia” e o seu conceito, consideram que a qualidade do ensino melhora através da arte e pensam que a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar é vantajosa, ao passo que manifestam conhecimento limitado de projectos existentes neste campo, quer em estabelecimentos de ensino ou fora dele.

Analisando mais pormenorizadamente a opinião dos professores verificamos que independentemente das habilitações académicas que possuem, conhecem bem a noção de Arte-Terapia e encaram como proveitosa a existência de um espaço terapêutico na escola, surgindo logo a seguir a ideia da melhoria da qualidade do ensino através da arte.

Ao observarmos atentamente os valores da média da segunda e terceira pergunta facilmente depreendemos que os docentes têm mais conhecimento de projectos de Arte – Terapia fora do contexto escolar do que nos estabelecimentos de ensino portugueses.

Examinando a tabela 6, facilmente notamos que os professores licenciados conhecem alguns projectos de Arte-Terapia fora do contexto escolar (4,10) tal como os bacharéis (4,05).

Analisando os valores da média dos professores que possuem bacharelato e licenciatura verificamos que nas questões: Questão 1 $t(48) = ,758$ $p = ,452$; Questão 2 $t(48) = ,226$ $p = ,822$; Questão 3 $t(48) = ,875$ $p = ,386$; Questão 4 $t(48) = ,281$ $p = ,780$; Questão 5 $t(48) = ,268$ $p = ,790$;

deduzimos assim não haver diferenças significativas uma vez que o valor de p é sempre superior a 0,05.

Analisando a tabela 7 com a comparação através do t – teste, dos resultados dos inquiridos em função da Situação Profissional, verificamos que os professores do Quadro de Zona Pedagógica (Q.Z.P.) têm a mesma média (4,83) na questão nº 1 e 5, isto significa que eles conhecem bem o vocábulo e o conceito de “Arte-Terapia” (4,91), tal como consideram bastante vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar.

Verificamos também que na questão nº 1 tanto os professores do Quadro de Escola (Q.E.) como os do Quadro de Zona Pedagógica (Q.Z.P.) opinam da mesma maneira apresentando a mesma média (4,83).

Da comparação das respostas dos dois grupos de inquiridos constatamos que há um maior conhecimento de projectos de arte-terapia fora das escolas do que em estabelecimentos de ensino.

Um facto curioso que se evidencia da análise dos dados relativamente às questões nº 2 e 3 prende-se com o facto dos professores do Quadro de Zona Pedagógica apresentarem valores de média superior em relação aos professores do Quadro de Escola.

Um outro dado interessante é que os professores do Quadro de Zona Pedagógica têm um maior conhecimento de projectos de arte-terapia fora das escolas (4,33) em detrimento da possibilidade da melhoria da qualidade do ensino através da arte (4,25).

Confrontando os valores dos professores do Quadro de Escola e do Quadro de Zona Pedagógica, na Questão 1 $t(46) = 0$ $p = 1$; Questão 2 $t(46) = -1,905$ $p = 0,063$; Questão 3 $t(46) = -1,263$ $p = 0,213$; Questão 4 $t(46) = 0,401$ $p = 0,690$; Questão 5 $t(46) = -1,020$ $p = 0,313$; deduzimos não haver diferenças significativas uma vez que o valor de p é sempre superior a 0,05.

Ao analisarmos a tabela 8 com a comparação através do t – teste, dos resultados dos inquiridos em função do tempo de serviço, comprovamos que os professores conhecem bem o vocábulo e o conceito de “Arte-Terapia” tal como consideram bastante vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar independentemente do tempo de serviço que possuem.

Observando os valores da média, constatamos que os professores com mais tempo de serviço acreditam mais na possibilidade de se melhorar a qualidade do ensino utilizando a arte ao invés dos professores com menos tempo de serviço.

Pela leitura e observação da tabela 8, facilmente se pode perceber que os professores com menos tempo de serviço consideram que percebem perfeitamente o vocábulo “Arte-Terapia” e a sua noção (4,80) bem como consideram útil a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar (4,80).

Verificamos também que na questão nº1 os professores, independentemente do tempo de serviço opinam da mesma maneira apresentando a mesma média (4,80),

Ao observar atentamente os valores da média das perguntas nº 2 e 3 verificamos que os dois grupos de inquiridos conhecem mais projectos de Arte – Terapia fora dos estabelecimentos de ensino.

De referir, que os professores com menos tempo de serviço conhecem poucos projectos de Arte – Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses (3,84) tal como os docentes com mais tempo de serviço (3,64).

Observando os valores da média nos dois grupos verificamos que na área de Questão 1 $t(48) = ,000$ $p = 1$; Questão 2 $t(48) = 1,688$ $p = ,098$; Questão 3 $t(48) = ,878$ $p = ,384$; Questão 4 $t(48) = -,198$ $p = ,844$; Questão 5 $t(48) = ,869$ $p = ,389$; deduzimos assim não haver diferenças significativas uma vez que o valor de p é sempre superior a 0,05.

O nosso estudo levou-nos a concluir que os professores do Ensino Básico conhecem bem o vocábulo e o conceito da arte-terapia e que consideram vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar. Relativamente à existência de projectos de arte-terapia, os docentes têm um maior conhecimento de projectos de arte-terapia fora do contexto escolar do que nos estabelecimentos de ensino portugueses.

6 PROJECTO

Aplicação pedagógica dos conhecimentos adquiridos no âmbito da investigação realizada na persecução do tema do relatório final.

6.1 Intencionalidade do Projecto

Os vários contextos, sociais, familiares e escolares onde se movem os alunos, induzem comportamentos cuja exteriorização, no confronto com as regras e normas inerentes ao funcionamento da Escola, provocam situações problemáticas e de contornos por vezes complexos.

São patentes nos discentes, dificuldades em se colocarem perante os vários momentos de intervenção, em contexto de aula, afectando o seu poder de concentração, ou fora dela. Simultaneamente e decorrente desta situação, são comprovadas dificuldades em controlarem/manifestarem as suas emoções, com as inerentes situações negativas do ponto de vista relacional face a colegas e a professores.

Como vimos, é reconhecido que as actividades artísticas, especificamente de expressão plástica, contribuem para um desenvolvimento harmonioso e integral do ser humano. A prática da expressão desempenhada em espaço comum propícia, em simultâneo, uma relação assumidamente de partilha e de encontro consigo próprio.

Citando **Arno Stern** (s.d.) “ A educação criadora torna a criança mais segura de si, mais autoconfiança, mais forte, mais responsável, mas resistente a situações adversas, mais capazes de vencerem obstáculos, que a sociedade diariamente lhe apresenta.”

O presente projecto pretende assim animar um ateliê de arte-terapia [Figura 8], espaço que permita exteriorizar e trabalhar sensações, sentimentos e emoções, a espontaneidade e a imaginação.

Dando sentido prático, ao pensamento de **Carvalho Ribas**: “A expressão plástica impôs-se como uma válvula de escape das tensões emocionais reprimidas, exercendo acção terapêutica e mesmo preventiva nas aflições do espírito.” **Lowenfeld - Brittain** (1977, p.8)

Procurar-se-á através da arte-terapia utilizar a arte num processo planificado com o objectivo de facilitar e promover a comunicação, a relação, a aprendizagem, a mobilidade, a expressão, a organização e outros objectivos terapêuticos importantes, que vão ao encontro das suas necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais ou cognitivas.

O projecto desenvolver-se-á num ateliê, como uma actividade extracurricular de frequência livre. Os destinatários são alunos com dificuldades de várias ordens, diagnosticadas em conselhos de turma. Os procedimentos e normas que enquadrarão o funcionamento deste ateliê decorrerão do estabelecido no Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas, bem como no Regulamento Interno da Escola, e dos inerentes aos objectivos deste projecto.



Figura 8 – ATELIÊ DE ARTE-TERAPIA

Carvalho Ribas “Quanto mais a criança se afirma, através da produção plástica, tanto melhor se descobre a si mesma e adquire mais autoconfiança; liberta-se da dependência de outrem e se comunica mais abertamente com os demais [...] e se adapta melhor ao seu ambiente.” **Lowenfeld - Brittain** (1977, p.10)

6. 2 Área de Intervenção do Projecto

Lembra-nos **Lima et Haglund** (1985), que cada escola existe integrada num determinado contexto (o da comunidade local e regional), e os valores de cada comunidade entram na escola, nomeadamente, através dos pais e dos alunos que vivem e integram uma realidade mais vasta que é o grupo de pertença e a realidade envolvente.

Ninguém como a escola deverá conhecer a comunidade, os seus costumes, tradições, anseios. Esta deve ter como objectivo continuar sempre a ser construído em estrita relação com a sociedade, a família e a vida. Nesta perspectiva o Agrupamento de Escolas não é mais que o rosto da comunidade onde está inserida, com as especificidades que lhe são próprias, com o meio físico, social e económico que a circunda.

Considera-se necessário o conhecimento das realidades escolares, onde a gestão flexível do currículo e a formação para uma cidadania de qualidade se apresentam como princípios fundamentais da organização escolar.

Tal informação adquire particular relevância na medida em que o conceito de mudança e de reflexão partilhada se apresentam como pilares da construção de uma nova realidade de escola onde cada agente se assume como construtor activo do saber e implicado na construção de novas realidades sociais e culturais.



Figura 9- AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DO CONCELHO DE VIMIOSO

Da comunidade escolar, pessoal docente, pessoal não docente, alunos, pais e encarregados de educação, obtivemos contributos para a elaboração do diagnóstico e para a caracterização do meio envolvente e do Agrupamento de Escolas do Concelho de Vimioso [Figura 9], uma vez que se pretende que o projecto seja um instrumento de trabalho realista e flexível, adaptado à realidade.

6.3 Identificação do Projecto

Local – Escola Básica 2,3 de Vimioso

Área de Intervenção – 1º, 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico

Público-alvo - alunos do 1º, 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico referenciados em Conselhos de Turma

Nº máximo de intervenientes – 5/ 7 alunos

Actividades – prática em contexto terapêutico de expressões artísticas

Duração das sessões - 90 minutos semanais

Horário de Funcionamento - quartas-feiras das 14.00 às 15.30 horas

Local específico - sala 7

6.4 Finalidade e Objectivos do Projecto

Finalidade:

- Desenvolver potenciais e/ ou restaurar funções do educando, através da arte-terapia, com o intuito de melhorar a sua organização intra-pessoal e/ou interpessoal de forma a adquirir uma melhor qualidade de vida, através de prevenção, reabilitação ou tratamento.

Objectivos:

- Tornar o educando mais seguro de si, mais forte, mais capaz de vencer obstáculos que a sociedade lhe apresenta
- Promover o auto-conhecimento e processos de transformação pessoal, de forma a encontrar estratégias de sucesso.

- Facilitar a descoberta e a compreensão de si mesmo e promover o processo de personalização
- Promover o desenvolvimento do ser do educando: da sua personalidade profunda e criadora, das suas capacidades construtivas;
- Criar condições de satisfação e felicidade aos actores do “drama” escolar;
- Estimular a criatividade e promover a expressão, a fruição e a criação, dando possibilidades de realização em domínios inibidos pela dimensão curricular
- Permitir trabalhar problemas psicológicos diagnosticados.
- Facilitar as relações interpessoais e a adaptação social
- Experienciar formas alternativas de conduzir situações de relacionamento com os outros e de resolver situações problema e busca de resultados.
- Promover o desenvolvimento integral do educando, pondo em acção capacidades afectivas, cognitivas, cinestésicas provocando a interacção de múltiplas inteligências;
- Proporcionar um espaço de liberdade, de segurança e confiança, de vivência lúdica, capazes de proporcionar a afirmação e a singularidade do indivíduo, reforçando a sua auto – estima, auto-confiança e sua coerência interna;
- Controlar as emoções através da transformação das representações mentais, de forma a superar dificuldades comprovadas
- Instigar a exteriorização, de forma criativa, de sensações e emoções sem necessidade de usar linguagem verbal.
- Fomentar e exercitar a introspecção, o poder de concentração, a autodisciplina e o autocontrolo;
- Desenvolver abertura de espírito e de sensibilidade;
- Criar condições que permitam apoiar compensatoriamente carências individualizadas.

6.5 Acções a desenvolver

- **Requisitos Iniciais:** constituição do grupo

- **Diagnóstico da situação:** contexto/ grupo
- **Plano de acção:** detecção dos problemas/ estabelecimento de prioridades/ opções de acção
- **Execução:**
 - Actividades transformadoras;
 - Elementos fundamentais da metodologia da intervenção terapêutica:
 - . Expressão simbólica não verbal através de materiais/ técnicas e actividades específicas.

6.6 Meios e Recursos mobilizados

- Recursos Humanos:

- Intervenientes Internos: dinamizador do projecto; serviço de psicologia escolar
- Parceria com o Centro de Saúde local

- Recursos Materiais:

(ambiências sonoras/musicais)

- Sala 7 – (está equipada com vários quadros de corticite onde é possível fixar papel de cenário)
 - 1 PC / CDs (ambiências sonoras/musicais)
 - Mesas/ bancadas/bancos (constam no inventário da sala)
 - 6 Tapetes de Educação Física para exercícios de relaxamento inicial - cedidos pelo grupo de Educação Física
 - Sabonete líquido
 - Panos de limpeza
 - Barra de sabão
 - Balde e esfregona
- O equipamento/ material supra-citado existe na escola, é disponibilizado para o ateliê, sem necessidade de requisição.

QUANTIDADE	DESIGNAÇÃO / CARACTERÍSTICAS	PREÇO DA UNIDADE
1	Rolo papel de cenário – 130grs (1,5l largura e 33kg)	77.60
2	Resma de papel de desenho A4 – grão médio	7.50
2	Resma de papel de desenho A3 – grão médio	13.60
1	Caixa de lápis de grafite 2HB	5.40
1	Caixa de lápis de grafite 6B	7.60
6	Borrachas brancas	0.79
3	Apara-lápis	0.69
5	Caixas de 12 lápis de cor	2.70
5	Caixas de 12 lápis de cera	2.90
5	Caixas de 12 marcadores grossos	2,80
10	Tubos de cola	0.26
3	Rolos de Fita-cola larga	3.29
6	Tesouras metálicas, ponta redonda	0.68
3	Cola branca – 500 ml	3.14
1	Caixa Carvão “pau”	5.90
10	Cartão tela 25x40	3.50
6	Prancheta de madeira com mola (45x45)	6,38
6	Paletas acrílicas grandes	2.10
3	Tintas acrílicas – 1l: cores primárias / preto /branco	13.64
3	Guache – 1l: cores primárias / preto /branco	3.67
7	Recipientes plásticos transparentes - 500ml	1.50
6	Pincéis redondos n.º 3	2.10
6	Pincéis redondos n.º 6	2.40
6	Pincéis redondos n.º 8	3.40
6	Pincéis redondos n.º12	5.70
6	Pincéis achatados n.º3	2.20

6	Pincéis achatados nº10	4.75
6	Pincéis achatados nº12	5.80
6	Trinchas 2,5 cm	1.29
6	Trinchas 3,5 cm	3.19
6	Espátulas	3.70
6	Teques	2,14
6	Barro vermelho 1Kg	0,63
10	Rolos papel limpeza	1.79
2	Caixa de luvas látex pequenas	9.69

Tabela 9 – MATERIAL: DESIGNAÇÃO/ CARACTERÍSTICAS; QUANTIDADE; PREÇO UNITÁRIO

Orçamento Anual do Material a Requisitar	826.19 Euros
-------------------------------------------------	--------------

Nota: A requisição do material é feita faseadamente, conforme o decorrer das actividades.

6.7 Avaliação do Projecto

- Receptividade ao projecto
- Grau de consecução dos objectivos
- Efeitos/ Impactos do projecto
- Perfis de mudança
- Factores que afectaram o funcionamento
- Êxitos/dificuldades
- Reajustamento do projecto
- Recomendações futuras

7 CONCLUSÃO

O estudo que encetámos partiu do reconhecimento da importância que esta temática tem, nos dias actuais, junto de qualquer comunidade educativa.

Quisemos desta forma, dar seguimento ao trabalho iniciado no ISPA - Institut de Sociologia i Psicologia Aplicades - Barcelona, no âmbito da Formação em Arte Terapia Transdisciplinaria y Desarrollo Humano transportando os conhecimentos adquiridos para o contexto escolar português.

O universo da arte-terapia, integrando-a no contexto escolar, revelou-se um campo fértil de oportunidades.

O nosso projecto versa uma abordagem terapêutica da arte, no intuito de levar à escola uma nova forma de estar que irá promover uma nova postura pedagógica perante situações de conflito, bem como de desenvolvimento pessoal e auto-conhecimento.

Motivados por esta importância tentámos conhecer as percepções que os professores têm relativamente à arte-terapia no ensino.

O estudo foi desenvolvido e permanentemente orientado pela pergunta de partida: Em que medida as características sócio demográficas dos professores do 1º 2º e 3º Ciclo do Agrupamento de Escolas do Concelho de Vimioso influenciam o grau de conhecimento sobre a arte-terapia e a importância atribuída a esta área?

Com o decorrer do nosso estudo fomos recolhendo informação que nos levou a ter plena certeza de que os professores do Ensino Básico conhecem bem o vocábulo e o conceito da arte-terapia e que consideram vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar. Relativamente à existência de projectos de arte-terapia, os docentes tem um maior conhecimento de projectos de arte-terapia fora do contexto escolar do que nos estabelecimentos de ensino portugueses.

Assim, demos conta da importância fundamental da arte-terapia, uma vez que através de manifestações artísticas, a criança cultiva os sentidos, harmoniza o corpo, toma consciência de várias noções de tempo e espaço, exterioriza os seus sentimentos e desenvolve o seu sentido social, ao utilizar a linguagem não verbal que tende a libertar a sua espontaneidade e criatividade.

O modelo do sistema educativo português, tal como é concebido na Lei de Bases que o define, exige da escola a promoção de condições favoráveis ao desenvolvimento pessoal e social dos alunos.

A democratização do ensino supõe, antes de mais, que a escola garanta o exercício do direito à igualdade de oportunidades de todos os alunos, sendo para tanto, necessário que saiba encontrar respostas diferenciadas para as necessidades específicas de cada um, valorizando a diferença no exercício das práticas pedagógicas que privilegia.

A escola é uma estrutura que revela traços de tensões difíceis de superar porque, por um lado, a escola é reflexo do sistema de poder e das pressões sociais e políticas, e, por outro lado, insere-se numa comunidade educativa singular que se caracteriza por muitas interações que pretendem vingar propostas e superar conflitos de interesses, de acordo com os seus valores.

A educação assume, como ideia fundamental, que o sucesso é, ou deverá ser, a consequência natural da presença de qualquer aluno na escola. De acordo com esta ideia, todas as iniciativas devem ser realizadas no âmbito de a concretizar e este projecto é apenas mais um a poder contribuir para que isso aconteça.

O quadro de actuação do projecto será para ser trabalhado e explorado no Ensino Básico, porque é a base de toda a estrutura escolar.

Este estudo ajudar-nos-á na compreensão desta temática e proporcionar-nos-á respostas a questões que se podem colocar ao longo do percurso escolar:

- Será que as nossas escolas são um porto seguro para os nossos alunos? Será que satisfazem as suas necessidades?
- Quando os alunos não aprendem e prejudicam os outros, causam problemas e resistem a todos os esforços, que fazer?
- Como poderá, contribuir a escola para a construção da identidade dos alunos, quando estes necessitam de um contexto estruturado, que seja uma base segura para o conhecimento e construção da sua identidade?
- Como conseguirá a escola formar personalidades fortes capazes de se adaptar a uma vida em mudança permanente?

A Arte-Terapia promove um melhor entendimento do que somos, quem somos e de como podemos melhorar a nossa forma de estar na vida.

“Assim as crianças aplaudam!”, diz sabiamente o compositor Cândido Lima em “Canções para a Juventude”, a concluir o prefácio da edição da partitura. É esse também o nosso sincero desejo.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, I. (1998) – “*Revisitando a competência dos professores na sociedade de hoje.*” Aprender, Revista da ESE de Portalegre, nº21, Novembro

ALARCÃO, I. (s.d.) – “*Formação reflexiva de professores.*” Porto. Porto Editora.

ALCÂNTARA, J. (1995) - “*Como Educar as Atitudes.*” Lisboa. Edições Técnicas

ALLEN, Pat B. (1997) - “*Arte-Terapia.*” Porto. Edições Gaia

BARBIER, J. M. (1993) – “*Elaboração de Projectos de Acção e Planificação.*” Porto. Porto Editora

BARBOSA, Ana Mae (1996) – “*A imagem no ensino de arte.*” São Paulo. Perspectiva.

- BARRETT, M (1979) – “*Art Education, a strategy for course design*”. Lisboa, Editora Presença
- DALLEY, T. (1987) - “*El Arte como terapia*”. ED. Herder
- Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea (2001). Academia das Ciências de Lisboa. II Volume. Editorial Verbo
- ECO, Umberto (1995) - “*Como se faz uma tese em Ciências Humanas*”. 6ª Edição. Lisboa. Editorial Presença
- FAURE, Edgar (1977) – “*Aprender a Ser*”, 3ª ed., Lisboa, UNESCO, Edições Bertrand
- FEDER (1981) - “*The Expressive Arts Therapies*”. Englewood Cliffs, Prentice Hall.
- FERRAZ, Maria Heloísa e FUSARI, Maria Rezende (1993) – “*Metodologia do ensino da arte*”. São Paulo. Cotez.
- GÂNDARA, Maria Isabel – “*Desenho Infantil*”. Texto Editora
- GLOTON, R. ; CLERO, C. (1973) – “*A actividade criadora da criança*”. Lisboa, Estampa.
- GONÇALVES, Eurico (1977) – “*A Arte descobre a criança*”, Raiz Editora
- GONÇALVES, Eurico (1977) – “*A expressão plástica na criança*”. Lisboa. *Análise Psicológica*.
- GONÇALVES, Eurico (1977) – “*A pintura das crianças e nós – pais, professores e educadores*”. Porto. Porto Editora
- GOODNOW, Jaqueline (1979) – “*Desenho de Crianças*”. Lisboa. Moraes Editores
- HAMANN, B. (1992) – “*Antropologia Pedagógica*”. Barcelona, Vicens Vives.
- KLEIN, M. (1969) – “*Psicanálise da criança*”, São Paulo. Mestre Jou
- KRAMER, E. (1985) – “*El arte como terapia infantil*”. Ed. Diana. México.
- JUNG, C. G. (1963) – “*O Homem e seus Símbolos*”. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 4ª Edição
- LANDSHEERE, G.(1986) – “*A Investigação Experimental em Pedagogia*”. Publicações D. Quixote.
- LEITE, E; MALPIQUE, M; SANTOS, M.R. (1990) - “*Trabalho de Projecto: 2. Leituras Comentadas*”. Porto. Edições Afrontamento
- LIMA, Marinús Pires. (1981) - “*Inquérito Sociológico – Problemas de Metodologia*”. Lisboa. Ed. Presença
- LOPES DA SILVA, M. I. (1996) – “*Práticas Educativas e Construções de Saberes*”. Lisboa: IIE

- LOWENFELD, V; BRITAIN, W. L. (1977) – “*Desenvolvimento da Capacidade Criadora*”. São Paulo. Editora Mestre Jou.
- LUQUET, G. H. (1987) – “*O desenho infantil*”. Porto. Livraria Civilização, Coleção Ponte
- MUNARI, B. (1981) – “*Fantasia, invenção, criatividade e imaginação na comunicação visual*”. Lisboa. Editorial Presença.
- NÓVOA, A. (1989) – “*Os professores: Quem são? Onde vêm? Para onde vão?*”. Lisboa: ISEF.
- NÓVOA, A. (1989) – “*Os professores e a sua formação*”. Lisboa. D. Quixote e IIE
- PAÍN, Sara (2009) – “*Os Fundamentos da Arte-Terapia*”. Petrópolis. Editora Vozes.
- READ, H. (1982) – “*A Educação pela Arte*”. Edições 79. Lisboa. Arte & Comunicação.
- ROLDÃO, M. C. (1998) - “*Que é ser professor hoje? – a profissionalidade docente revisitada*”. Revista da ESES, I, nova série.
- HILL, Andrew & HILL, Magalhães, M. (2002) – “*Investigação por questionário*”. (2ª edição). Lisboa: Edições Sílabo.
- MARCONI, M., & LAKATOS, Eva Maria (1989) - “*Fundamentos de metodologia científica*”. São Paulo: Editora Atlas.
- QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L. (1992) - “*Manual de Investigação em Ciências Sociais*”. Lisboa. Gradiva
- SALAVISA, Eduardo; MATOS, Margarida (1993) – “*Linguagem Visual*”. Luso Livro
- SALVADOR, Ana (1988) – “*Conhecer a criança através do desenho*”. Porto. Porto Editora
- SANTOS, J. (1966) – “*Fundamentos Psicológicos da educação pela arte*”. Lisboa. Europa América
- STERN, Arno (s.d) – “*Uma Nova Compreensão da Arte Infantil*”. Lisboa. Biblioteca do Educador Profissional. Livros Horizonte.
- STERN, Arno (s.d.) – “*Aspectos e Técnicas da Pintura da Criança*”. Lisboa. Biblioteca do Educador Profissional. Livros Horizonte.
- STERN, Arno (1978) – “*Iniciação à educação criadora*”. Lisboa. Socicultur.
- SORIN, M. (2004) – “*Niñas y niños nos interpelan. Violencia, prosocialidad y producción infantil de subjetividades*”. Ed. Icaria. Barcelona.
- SOUSA, Alberto B. (2004) – “*Educação pela Arte e Artes na Educação*”. (1ª Vols.). Lisboa: Instituto Piaget
- SOUSA, Alberto B. (2004) – “*Educação pela Arte e Artes na Educação*”. (3ª Vols.). Lisboa: Instituto Piaget

SOUSA, Alberto B. (2005) – “*Psicoterapias Activas (Arte-Terapia)*”. Lisboa. Livros Horizonte

ZEICHNER, K. (1993) – “*A formação reflexiva de professores: Ideias e práticas*”. Lisboa: Educa.

Apêndices

Instrumentos de recolha de dados – Questionário



Este questionário tem como objectivo perceber qual o grau de conhecimento sobre a Arte - Terapia e a importância que os docentes atribuem a esta área.

As suas respostas são absolutamente anónimas e confidenciais.

Grata pela atenção

Género: Masculino Feminino

Idade: ____anos.

Habilitações Académicas: Bacharelato Licenciatura

Situação Profissional:

Quadro de Escola Quadro de Zona Pedagógica Contratado

Tempo de Serviço: _____anos.

Relativamente às questões que se seguem, assinale com um x no respectivo o grau de conhecimento sobre a Arte - Terapia e a importância que atribui a esta área, de acordo com a seguinte escala:

Escala: 1 – Muito Baixa; 2 – Baixa; 3 – Média; 4 – Elevada; 5 – Muito Elevada

	1	2	3	4	5
1. Conhece o vocábulo " Arte - Terapia " e o seu conceito?					
2. Sabe da existência de algum projecto de Arte - Terapia fora do contexto escolar?					
3. Tem conhecimento da existência de projectos de Arte - Terapia em estabelecimentos de ensino portugueses?					
4. Julga ser possível a melhoria da qualidade do ensino através da arte?					
5. Considera vantajosa a implementação de um espaço terapêutico em contexto escolar?					

- Em que termos deveria ser implementado um projecto de arte-terapia neste estabelecimento de ensino?
